

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO

MARIA JOSÉ SOUSA DE AGUIAR

O POBRE AMADO POR DEUS

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO

MARIA JOSÉ SOUSA DE AGUIAR

O POBRE AMADO POR DEUS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob a orientação da Prof^o Dr^o Denilson Geraldo.

SÃO PAULO

2015

Banca Examinadora

Resumo

O trabalho intitulado “O pobre amado por Deus” traz o estudo da primeira bem-aventurança do evangelho de Mateus 5,3, “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”. Partindo da teologia bíblica e do anúncio dos profetas, que identificam o pobre como o privado das condições de vida, personificado no órfão e na viúva, o texto mostra que Deus manifestou a plenitude de seu amor, tornando-se um de nós, em Jesus, e ele demonstrou radicalmente a opção pelos pobres em sua prática libertadora. Fica claro que ser pobre no espírito, conforme a bem-aventurança, não se restringe à pobreza material, mas é ser despojado de si e movido pelo Espírito de Deus, enquanto, ser pobre de espírito é viver encerrado nos interesses egoísticos. É neste viés que os bispos da América Latina, em suas principais conferências episcopais gerais pós-conciliares, orientaram a pastoral da Igreja, para a ação profética e libertadora de anúncio do Evangelho e denúncia das situações de injustiça e opressão presentes em todo o continente. Este é a proposta para quem hoje quer ser discípulo missionário de Jesus Cristo.

Palavras-chave: amor, Deus, pobre, profetas, Jesus Cristo, Reino de Deus, bem-aventurança, documentos do CELAM, Igreja, pastoral, justiça, opressão, órfão, viúva, irmãos, libertação, povo, Espírito.

Abstract

The work entitled "The poor loved by God" brings the study of the first beatitude of the Gospel Matthew 5.3, "Blessed are the poor in spirit, for theirs is the Kingdom of Heaven." Based on the biblical theology and proclamation of the prophets, that identify the poor and the private living conditions, personified in the orphan and widow, the text shows that God manifested the fullness of his love, becoming one of us, in Jesus and he dramatically demonstrated the option for the poor in his liberating practice. It is clear that being poor in spirit, as the bliss, is not limited to material poverty, but is being stripped him and moved by the Spirit of God, while to be poor in spirit is to live shut up in selfish interests. It is this bias that the bishops of Latin America, its main post-conciliar general episcopal conferences, guided the pastoral of the Church, for the prophetic and liberating action of proclaiming the Gospel and denouncing situations of injustice and oppression present throughout the continent. This is a proposal for those who today want to be a missionary disciple of Jesus Christ.

Keywords: love, God, poor, prophets, Jesus Christ, Kingdom of God, bliss, CELAM documents, church, ministry, justice, oppression, orphan, widow, sister, liberation, people, Spirit.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais Antonio Assunção e Maria Francisca, que vivem e anunciam a pobreza, com seu testemunho, na simplicidade da vida. E a todas as pessoas que procuram viver a pobreza no Espírito, entre elas, todas as Paulinas, minhas irmãs.

Agradecimentos

“Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus.” (Mt 5,3)

Agradeço ao Deus de amor e bondade, pelo dom da vida.

Aos meus pais, Antonio Assunção de Aguiar e Maria Francisca Sousa de Aguiar, aos meus irmãos e irmãs, que mesmo à distância sempre me incentivaram a não desistir diante das dificuldades, no decorrer do curso.

Gratidão especial à Pia Sociedade Filhas de São Paulo (Irmãs Paulinas), minha Congregação religiosa, que me possibilitou fazer esse curso, e também a cada uma de minhas irmãs de comunidade, que me incentivaram e acompanharam em cada passo.

Meu agradecimento à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde pude aprender mais sobre o amor de Deus para, assim, viver melhor a fé na missão com a comunicação a serviço da vida.

Muito obrigada ao professor Dr^o Denilson Geraldo, por me acompanhar na orientação deste trabalho.

SUMÁRIO

SIGLAS.....	9
Introdução.....	10
CAPITULO I	
OS POBRES E A POBREZA NO ANTIGO TESTAMENTO.....	12
1.1 Os significados de pobre e pobreza.....	13
1.2 Os pobres e a pobreza nos livros do Êxodo e do Deuteronômio.....	16
1.3 Os pobres que Deus ama, segundo os profetas Isaías e Amós e os Salmos.....	19
CAPITULO II	
DEUS AMA O POBRE NO ESPÍRITO: PERSPECTIVAS NO NOVO TESTAMENTO.....	26
2.1 Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus (Mt 5,3).....	26
2.2 Deus ama o pobre no espírito.....	28
2.3 Do pobre é o Reino dos Céus.....	32
CAPITULO III	
ORIENTAÇÕES PASTORAIS NOS DOCUMENTOS DO CELAM – MEDELLÍN, PUEBLA E APARECIDA.....	37
3.1 Conferência Episcopal de Medellín.....	37
3.2 Ações concretas da Conferência Episcopal de Puebla.....	40
3.3 Ações práticas da Conferência Episcopal de Aparecida.....	43
3.4 A dimensão da pobreza hoje: afinal nós somos pobres de quê?.....	46
CONCLUSÃO.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	53

SIGLAS

AA – Decreto *Apostolicam actuositatem* do Concílio Vaticano II

AG – Decreto *Ad gentes* do Concílio Vaticano II

CIC – Catecismo da Igreja Católica

DCE – Carta Encíclica *Deus caritas est* do Papa Bento XVI

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como título *O pobre amado por Deus*, e como objetivo, discutir o tema “Deus ama o pobre no espírito”, tendo como base para o estudo a primeira bem-aventurança do Evangelho de Mateus 5,3 que diz: “felizes os pobres no espírito, por que deles é o Reino dos Céus”. O percurso é feito através de fontes de estudos bíblicos, teológicos e pastorais. Uma das motivações para a escolha do tema, parte do desejo de compreender quem é o pobre que Deus ama, de modo especial, o pobre no espírito.

O trabalho traz o significado de pobre e da pobreza conforme de alguns dicionários de várias disciplinas, o que favorece a compreensão de quem é a pessoa pobre e sua realidade, já apresentada pelos profetas; e o que dizem alguns autores sobre a citação de Mateus 5,3 referente aos pobres no espírito. Procura-se também refletir por meio dos documentos da Igreja, na prática, quais são as orientações apresentadas por ela para levar o Evangelho aos pobres no espírito, que nela esperam também para serem evangelizados.

No primeiro capítulo estuda-se o significado de pobre e da pobreza nos dicionários, procurando-se compreender e identificar quem são os pobres e como é a pobreza no Antigo Testamento. Nos livros do Êxodo e do Deuteronômio busca-se identificar o povo que caminha pelo deserto e como Deus se faz presente em sua história, através da figura de Moisés, e para onde ele o conduz. Nesse capítulo também se farão presentes as figuras de Isaías e Amós, profetas que procuram de todas as formas defender o pobre, o órfão e a viúva de seus opressores. Em alguns Salmos ver-se-á que o Deus da vida está presente em todos os momentos da vida de seu povo, por isso não se cansa de voltar-se para ele e pedir que se converta.

No segundo capítulo aprofunda-se o eixo do trabalho *O pobre amado por Deus*, baseado em Mateus 5,3 “felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” e fontes teóricas. Aqui se procura identificar quem é a pessoa feliz ou bem-aventurada. Nesse capítulo se identificará o amor de Deus pelo pobre no espírito e também a expressão: “porque deles é o Reino dos Céus”.

O terceiro e último capítulo trará presentes algumas práticas pastorais que a Igreja apresenta, por meio das Conferências de Medellín, Puebla, Aparecida (CELLAM) e outras fontes e documentos, para que o Evangelho de Jesus Cristo chegue ao pobre no espírito.

No percurso do trabalho pode-se perceber que Deus tem preferência pelo pobre desde o Antigo Testamento. Os relatos dos profetas vão mostrar que Deus jamais abandona seu povo, que seu amor por ele é sem limite. A prova de que Deus o amou é que, no Novo Testamento, Ele cumpre a sua promessa, enviando o seu Filho para nascer de uma mulher (cf. Gl 4,4-5). Em Jesus, em sua prática preferencial pelos pobres, em seu ensinamento e em sua morte e ressurreição, está a maior prova de que Deus ama seu povo e nele, especialmente, os pobres.

CAPÍTULO I

Não despojes o fraco, por ser fraco, nem oprimas o pobre no julgamento. Porque Iahweh disputará a sua causa e tirará a vida dos que os defraudaram.

(Pr 22,22-23)

OS POBRES E A POBREZA NO ANTIGO TESTAMENTO

Antes de nos direcionarmos à questão central que motiva a produção deste trabalho – o que é ser pobre no espírito – necessário se faz percorrer a trajetória de produção de sentidos que os termos pobres e pobreza foram trilhando. Um percurso nos dicionários e em fontes bíblicas e teóricas nos faz notar uma solidariedade entre os termos e a reiteração de alguns sentidos. Senão vejamos.

1.1 Os significados de pobre e de pobreza

Na língua portuguesa o pobre é aquele que não tem o necessário à vida, cujas posses são inferiores à sua posição social, é aquele mal dotado, pouco favorecido, digno de lástima, que inspira compaixão.¹ Para o *Dicionário Larousse Cultural*, o pobre é uma pessoa que inspira piedade; é um desgraçado.² Ele é também pobre de inteligência e por isso precisa de ajuda.

De similar significado é a palavra pobre na língua latina, pois o *latim* “conhece também um grupo de palavras, que nas traduções se transcrevem por “pobre”, mas a mais frequente é *pauper*, que designa aquele que possui pouco.”³ O pobre é a pessoa a quem não só faltam as condições de se autossustentar, mas quem possui ainda outras necessidades de ordem moral e espiritual.

O significado da palavra pobre em *grego* é mais abrangente, segundo o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*:

O termo “pobre”, chama-se πένης (penés). *Penés* é a raiz, e através de sua raiz tem conexão com *ponos*, “fardo”, “peso”, refere-se ao homem que não pode viver das suas próprias rendas, mas precisa trabalhar com as mãos. Logo o *penés* não é como o *ptochos*, que é pobre o suficiente para ser mendigo, e que precisa de socorro. Ele é apenas relativamente pobre; o oposto de *penés* é *plousios*, “opulento”, “rico” (de Posses). O termo inclui o trabalhador manual ou pequeno camponês, que, após a legislação de Sólon, foram os principais apoiadores da democracia ateniense.⁴

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1986, p. 1350.

² LAROUSSE CULTURAL. *Grande dicionário Larousse da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1990, p.722.

³ ANNE, Lene Fenger. *Pobre*. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 697.

⁴ BROWN, Colin. *Pobre*. In: COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1682.

Nesse ponto percebe-se que o pobre também é a pessoa que carrega um fardo muito pesado ou não tem forças para carregá-lo. Por isso, precisa ser amparado e socorrido em suas necessidades.

A pobreza possui também um aspecto individual. No século VIII a. C. foi vista como um fenômeno social em Israel. Porém, era o “resultado de um processo contínuo de diferenciação socioeconômica, que foi posta em ação com a instituição da monarquia” (1Sm 8,11-17).⁵ Está presente também, tanto na sociedade do Antigo, quanto do Novo Testamento, não existindo naquela época a classe média como se tem hoje nos países modernos. De acordo com o *Dicionário Bíblico*, a riqueza estava concentrada nas mãos de poucos, e a massa da população era pobre a um nível que é raro nos modernos países ocidentais, embora seja encontrado em países fora da Europa e dos Estados Unidos. Pois a riqueza em países de regime monárquico dos tempos bíblicos estava concentrada nas mãos do rei e de sua corte.⁶

Conforme o Dicionário bíblico Mckenzie, é possível perceber que o Antigo Testamento apresenta uma série de adjetivos referentes ao tema da pobreza:

No AT há diversos termos hebraicos para expressar pobreza, mas nenhum deles pode ser traduzido exatamente por “pobre”, ‘aní’ é literalmente “aflito”, no uso, a aflição consiste em ser membro de uma classe mais baixa, indigente e sujeita à opressão, sem meios para se defender. A forma aramaizada correspondente ‘anaw’ é sinônima, mas é frequentemente usada acerca dos pobres em sentido religioso. A imprecisão que o termo comporta torna possível traduzi-lo, às vezes, no sentido de “humildade”, dito de que não tem vontade de resistir; significa literalmente “desfalecido”, ou seja, uma classe social cuja fraqueza deriva da sua inteligência ‘ebyno’ significa mais propriamente pobre e necessitada.⁷

Constata-se, portanto, que a palavra pobre em *hebraico* também leva ao mesmo significado explanado acima, ou seja, é a pessoa que precisa do necessário para sobreviver. A pessoa pobre faz parte da classe dos indigentes, dos aflitos, dos que são oprimidos pela classe dominadora.

Para o *Dicionário de Mística*, Jesus é o místico da pobreza por excelência, poucas pessoas adentraram no mistério da pobreza como Jesus. Por meio da sua pobreza Ele revela a realidade do homem diante de Deus. Um pobre completamente voltado para o seu Criador.

⁵ BOGAERT, Pierre-Maurice; DELCOR, Matthias. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola; Paulinas; Paulus; Academia Cristã, 2013, p. 1079.

⁶ MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 729.

⁷ *Ibidem*, p. 729.

Neste sentido, o conceito de mística da pobreza indica que “Deus é a riqueza do homem”. Francisco de Assis também se tornou conhecido como o “místico” da pobreza.⁸

O *Dicionário de Espiritualidade* apresenta outras dimensões da pobreza:

A prática da pobreza como desapego do mundo e de seus bens é tão antiga como o cristianismo e até como o asceticismo. Na Idade Média, na reforma eclesíastica do século XI, a pregação da pobreza não teve em mira somente os monges, mas todo o clero, e até, muitas vezes, todos os cristãos e a própria Igreja, assumindo não poucas vezes um caráter anti-hierárquico e herético, como nos cátaros, albigenses e valdenses.⁹

Conforme o *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, não é possível definir de forma definitivamente válida o conceito de “pobreza”. Designam-se mediante este conceito muitos fenômenos sociais, culturais e religiosos. Definir pobreza implicaria em definir a atitude que a sociedade, o sujeito cultural e o portador da mensagem religiosa assumem perante o fraco, onde quer que se encontrem as causas de sua fraqueza. Definir a pobreza significaria, de mais a mais, que se poderiam definir todas as suas causas.¹⁰

Nas traduções dos textos antigos, usava-se a palavra “pobreza” ou “pobre” para falar a respeito do estado de coisas complexas. “Quando se expande a economia de Israel, surge a classe rica que traz consigo opressão para com a classe do camponês e do artesão”. Com isto coloca-se em prática o código da aliança, a mais antiga coleção de leis de Israel, ele contém o estatuto de proteção do pobre.¹¹

Desse modo, constata-se que os significados da palavra pobre ou pobreza, aqui apresentados, deixam claro que se trata do pobre como alguém a quem falta tudo, necessitado. Na maioria dos dicionários citados, o pobre é aquele que está à margem da sociedade, que precisa de alguém que o ajude a sair de sua condição de “lascado”, de miserável, de oprimido e injustiçado.

Tais conceitos justificam a adoção de políticas públicas pelos Estados nacionais destinadas preferencialmente para os pobres e necessitados. As desigualdades que afetam os

⁸CABRA, P. *Pobreza*. In: BORRIELLO, L.; CARUANA E. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 881.

⁹ ANCILLI, Ermanno; MAROTO, D. Pablo de. *Pobreza*. Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. *Dicionário de espiritualidade*, vol. III. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2012, p. 2025.

¹⁰ ALMEIDA, Rogério. *Pobre*. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 702.

¹¹ *Ibidem*, 696.

países diferentemente devem ser enfrentadas a partir da diminuição e exclusão da pobreza, concebida como a carência de bens materiais e simbólicos. Essa é uma dimensão da pobreza que vigora no desenho e na execução de propostas político-sociais.¹²

1.2. Os pobres e a pobreza nos livros do Êxodo e do Deuteronômio

A figura do pobre também se encontra na Bíblia, logo nos cinco primeiros livros, também conhecidos como Pentateuco, está a imagem do pobre. Este é o objeto de reflexão deste segundo item: o pobre e a pobreza a partir dos livros do Êxodo e do Deuteronômio, pois se o pobre desde sempre se faz presente na Bíblia, é claro que Deus o acompanha, Ele jamais o abandona, e o ama de paixão.

O Êxodo desenvolve dois temas principais: a libertação do Egito (1,1-15,21) e a Aliança no Sinai (19,1-40,38); esses temas são interligados pelo tema da caminhada no deserto (15,22-18,27). Moisés, que recebeu a revelação do nome de *Iahweh* na montanha de Deus, é o condutor dos israelitas libertados da escravidão. Numa teofania impressionante, Deus faz aliança com o povo e lhe dita suas leis. Mal fora concluído, o pacto é violado pela adoração do bezerro de ouro, mas Deus perdoa e renova a Aliança. O grande conjunto dos caps 25-31 e 35-40 relata a construção da tenda, lugar de culto na época do deserto.¹³

No livro do Êxodo, em seus primeiros versículos, aparecem os personagens mais importantes do relato: os filhos de Israel. A lista dos doze filhos de Jacó coincide com a lista das doze tribos que na história oficial constituíam a aliança israelita pré-monárquica. Pois o Êxodo narra a saída do povo do Egito, a manifestação de Deus no Monte Sinai e a Aliança.¹⁴

Em seus primeiros 15 capítulos, o livro, além de tratar da libertação do povo, também dá continuidade ao livro do Gênesis, onde é narrada a situação humilhante em que vivem os israelitas, o povo pobre. Narra a história de Moisés e a travessia entre o Egito e o monte Sinai e termina com a narração da construção das tendas, habitação de Deus.¹⁵

¹² A criação do Ministério de Assistência Social e de outros órgãos públicos advém dessa premissa: o pobre é aquele a quem falta algo. Concepção que parte de um pressuposto de ausência de bens materiais e carência no acesso aos serviços de saúde, alimentação, moradia, educação, cultura e lazer.

¹³ Cf. Introdução do Pentateuco. In: BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008, pp. 21-22.

¹⁴ PIXLEI, George V. Êxodo: *grande comentário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p. 15.

¹⁵ VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas: do Êxodo ao Deuteronômio*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 11.

Para Matthias Grenzer, em “O Projeto do Êxodo”, há uma estreita ligação entre fé e pobreza:

O projeto do Êxodo com as suas perspectivas teológico-éticas é fundamental da fé bíblica. Nele, o Deus de Israel revela suas características identificadoras: atento ao sofrimento dos escravos hebreus no Egito, o Deus *Iahweh* conduz os *oprimidos* para fora da sociedade que os oprime, dá-lhes seu *ensino* e leva-os a uma *terra* boa, a fim de que os libertados construíssem uma sociedade alternativa que garantisse, da forma mais ampla, a “liberdade” política e, sobretudo econômica, a todos os membros.¹⁶

O livro do Êxodo relata a história de um dos grandes líderes que se tem na narrativa bíblica, Moisés. Conta-se na Bíblia que quando Moisés nasceu, o faraó havia dado uma ordem às parteiras que matassem todos os meninos que nascessem das mulheres hebreias. As parteiras disseram ao faraó que não tinham como fazer isso, pois “as mulheres dos hebreus não são como as egípcias. São cheias de vida e antes que as parteiras cheguem, já deram à luz” (Ex 1,19). Então o faraó ordenou que jogassem os meninos que nascessem no rio, mas as parteiras temiam a Deus e não obedeceram ao faraó.¹⁷

A mãe de Moisés o escondeu, ao nascer, durante três meses; quando não pôde mais mantê-lo escondido, sua mãe o colocou num cesto no rio. Porém, quando desceu para se lavar no rio, a filha do faraó olhou e viu o cesto com a criança, logo pensou que esta criança fosse de uma mulher hebreia, por isso, imediatamente a tomou em seus braços, então a irmã de Moisés sugeriu que pedisse a uma mulher hebreia para lhe amamentar o menino; a filha do faraó cheia de compaixão aceitou a ideia da menina e pediu-lhe que chamasse uma das mulheres hebreias para amamentá-lo. Justo quem ela chamou foi a mãe da criança, que levou para casa. Quando o menino cresceu a mulher o devolveu à filha do faraó.¹⁸

Assim, o êxodo começa com o movimento das mulheres que demonstram temer a Deus e não ao faraó. Por isso, Moisés quando criança vai ser salvo sob a “tutela de uma mulher”, a filha do Faraó. Ela o salva e também lhe dá o nome de Moisés, que significa salvo das águas.

A missão de Moisés é apresentada em Ex 3,7ss, onde Deus o constitui seu representante por causa do faraó que se considera um deus. Assim Deus quer pôr Moisés em pé de igualdade para com o faraó. Deus disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no

¹⁶ GRENZER, Matthias. *O projeto do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2007, p.13.

¹⁷ Cf. Ex 1, 17.

¹⁸ Cf. Ex 2, 1-10.

Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias”. (Ex 3,7).

Em sua missão, Moisés vai ao encontro dos seus irmãos que estão oprimidos, na pobreza e na miséria. O conflito não o faz desistir de seus irmãos menos favorecidos e oprimidos. Êxodo 2,11 apresenta Moisés, “já crescido”, saindo do palácio e indo ver seus irmãos hebreus, ao ver os serviços pesados que eram obrigados a fazer, viu a violência que sofriam. Moisés percebe que seus irmãos hebreus não conseguem garantir o salário digno como trabalhadores, eles são escravizados, pelos inspetores e capatazes egípcios (Ex 5,13-14). Ao ver essa situação, ele toma uma atitude em defesa de seu povo. Aponta a narrativa bíblica que Moisés em uma de suas saídas presenciou um egípcio batendo em um hebreu, então ele saiu em defesa de seu irmão batendo no agressor, matou-o e o escondeu na areia (Ex 2,12). O capítulo três do Êxodo começa com o encontro de Moisés com Deus no monte Sinai. A missão que Deus dá a Moisés é de ir ao faraó (Ex 3,15c.20b) e pedir que liberte o seu povo. Que o faraó deixe o povo ser livre, pois a liberdade é o presente de *Iahweh* para o povo. Grenzer mostra ainda que a narrativa inicia-se com a imagem do povo de Israel que, depois de sua saída da escravidão no Egito, atravessa o deserto rumo à terra prometida. É apresentada a imagem de um grupo unido e obediente, pois, para o autor, o caminho de Israel, rumo à liberdade, reflete o projeto de Deus, caminha conforme a palavra de *Iahweh*. Na narrativa confirma-se que Deus é fiel à sua Aliança, por isso, chama pessoas que possam conduzir o povo e libertá-lo dos opressores. A teologia da Aliança se resume no conhecer a Deus. Conhecer a Deus é praticar a justiça, é o que Moisés vai procurar fazer.¹⁹

O livro do Deuteronômio tem uma estrutura particular: é o código de leis civis e religiosas (12,1-26,15), enquadrado num grande discurso de Moisés (5-11 e 26,16-28,68).²⁰ O livro apresenta as últimas palavras de Moisés antes de sua morte. Moisés ora e exorta. Lembra o passado ao povo, aquilo que o leitor leu nos livros anteriores²¹. Conforme a citação bíblica, Deuteronômio conclui-se com o relatório da morte de Moisés (34,1-10).

Na citação a seguir, o livro do Deuteronômio convida os filhos de Israel a jamais fechar o coração à necessidade dos irmãos:

¹⁹ GRENZER, Matthias. *O projeto do Êxodo*. p. 37-42.

²⁰ Cf. Introdução do Pentatêuco. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008, p.22.

²¹ VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas: do Êxodo ao Deuteronômio*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 11.

Quando houver um pobre em teu meio, que seja um só dos teus irmãos numa só das tuas cidades, na terra que Iahweh teu Deus te dará, não endurecerás teu coração, nem fecharás a mão para com este teu irmão pobre; pelo contrário: abre-lhe a mão, emprestando o que lhe falta, na medida da sua necessidade. Fica atento a ti mesmo, para que não surja em teu coração um pensamento vil, como o dizer: ‘Eis que se aproxima o sétimo ano, o ano da remissão’, e o teu olho se torne mau para com o teu irmão pobre, nada lhe dando; ele clamaria a Iahweh contra ti, e em ti haveria um pecado. Quando lhe deres algo, não dêes com má vontade, pois, em resposta a este gesto, Iahweh teu Deus te abençoará em todo teu trabalho, em todo empreendimento da tua mão. Nunca deixará de haver pobres na terra; é por isso que eu te ordeno: abre a mão em favor do teu irmão, do teu humilde e do teu pobre em tua terra.²²

Essa passagem do Deuteronômio mostra que o socorro do irmão necessitado é um dever a ser cumprido, pois nunca se deve fechar o coração às necessidades do irmão. Ao fechar o coração ao seu irmão, este gritará a Deus contra esse seu irmão que teve condição de ajudá-lo e não ajudou, que sofrerá as consequências.²³ Porque o Senhor Deus ama seus filhos com amor infinito e quer que todos tenham o necessário para viver.

1.3 Os pobres que Deus ama, segundo os profetas Isaías e Amós e os Salmos

A missão de todos que vivem a Aliança de amor para com Deus é lutar a favor dos necessitados, essa é a missão do profeta. Mas quem foram os profetas? Foram homens inspirados por Deus para anunciar a sua Palavra ao povo.

O profeta Isaías nasceu por volta do ano 765 a. C. Em 740, ano da morte do rei Ozias, ele recebeu, no Templo de Jerusalém, sua vocação profética, anunciar a ruína de Israel e de Judá como missão durante quarenta anos, dominados pela ameaça crescente que a Assíria fazia pesar sobre Israel e Judá.²⁴

Afirma o *Dicionário Bíblico* que os termos para designar pobre e necessitado são aplicados ao Israel exilado (Is 49,13) e a Sião (Is 51,21; 54,11). Essas passagens indicam que o judaísmo pós-exílio identificava a piedade com a pobreza e a humildade. Não duvidando de que a comunidade pós-exílica da Palestina era efetivamente pobre, pelo menos no início da

²² Dt 15,7-11.

²³ Cf. Id. Ibid.

²⁴ Cf. Introdução aos profetas. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008, p.1237.

sua história, por detrás de seus capítulos, Isaías de 1-39 apresenta o tema da justiça e, mais especificamente, nos primeiros onze capítulos e nos capítulos 32-33.²⁵

O órfão e a viúva são os dois tipos de pessoas que mais preocupam o profeta Isaías, por isso, logo no começo de seu livro, em Is 1,17 essas duas categorias já se fazem presentes:

Quando estendeis vossas mãos, desvio de vós meus olhos; ainda que multipliqueis a oração não vos ouvirei. Vossas mãos estão cheias de sangue: lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!²⁶

Mas Isaías não é o primeiro profeta a se interessar pelo trágico destino do órfão e da viúva. Antes dele, outros fizeram o mesmo, no Antigo Oriente e em Israel. Como se vê na lei do Código da Aliança: “Não explorarás viúvas nem órfãos.”²⁷

Para José L. Sicre em *A justiça social nos profetas*, as figuras do órfão e da viúva são citadas em outros textos posteriores a Isaías, mas no livro do Deuteronômio parecem bastante antigas (24,19.20,21), e numa delas exige-se: “não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão, nem tomarás em penhor as roupas da viúva”.²⁸ Isaías determina a defesa do órfão e da viúva: “defendei o órfão, protegei a viúva”.²⁹ Continua o autor, as duas raízes verbais, *spt* e *ryb*, empregam-se com frequência em contexto judicial. É claro que, quando tiram os campos dos órfãos e viúvas, tiram também o seu jumento, tomam em penhor o boi, são os juízes quem devem impedir tais abusos.³⁰

Sicre ressalta que em outros textos de Isaías que voltam a se ocupar de órfãos e viúvas, o aspecto legal parece o mais importante. Pois a justiça do AT exige dos juízes não a “justiça de distribuições”, que dá a cada um e que protege o miserável. É injustiça também despedir as viúvas de mãos vazias, não socorrê-las, deixá-las consumir-se em pranto. E é justiça livrar o órfão indefeso, repartir o pão com ele, alegrar o coração da viúva. O profeta não se limita ao que não se deve fazer. Ele vai mais além, se expressa de forma positiva. Pretende que os filhos de Israel imitem a conduta de Deus, que “faz justiça ao órfão e à viúva”.³¹

²⁵ MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 729.

²⁶ Is 1,15-17.

²⁷ Ex 22,21.

²⁸ Dt 24,17.

²⁹ Is 1,17.

³⁰ SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 268.

³¹ *Ibid.*, p. 267.

A mensagem dos profetas e em particular a de Isaías tomam corpo delineando-se sobre o fundo da leitura dos acontecimentos e das situações. O que se verifica entre o povo é a resposta à relação instaurada por Deus por meio da aliança. E não se configura com simples situação sociológica, mas assume os caracteres de uma situação religiosa, infelizmente muitas vezes negativa, no sentido da rejeição da relação com Deus. Do mesmo modo as vicissitudes externas, as agressões dos vizinhos, ciumentos e inquietos, e, sobretudo as repetidas aparições do insaciável conquistador assírio não são puros e simples episódios, mas a voz de *Iahweh*, que usa a ocasião para impelir o povo infiel a procurar novamente os caminhos do Senhor.³²

Para o profeta Isaías, o pecado social e a injustiça são uma traição a Deus, principalmente para os que são responsáveis por essa situação: as autoridades. Delas dependem o pecado e a salvação, a traição e a fidelidade. Ao mesmo tempo Deus fala muito cordialmente de seu povo. Sicre ainda chama atenção ao pronome possessivo que Deus usa três vezes: “meu povo” (*ammî*), e mostra profundamente compaixão e tristeza pelo destino desse povo pobre. As palavras de Deus retratam profundo interesse pelos pobres: “meu povo” não são todos os israelitas ou judaítas, mas “os pobres”.³³

Em suas lamentações sobre a sua triste situação, o povo lembra a Deus as suas ações passadas para levá-lo a agir novamente a fim de fazê-lo sair, mais uma vez, da situação catastrófica em que se encontra: “Desperta, desperta! Mune-te de força, ó braço de *Iahweh*! Desperta como nos dias antigos, nas gerações de outrora... Não és tu aquele que secou o mar... E fez do fundo do mar um caminho a fim de que os resgatados passassem?”³⁴

O profeta Isaías mostra que Deus toma partido pelos pobres. Ele não permite que seus filhos sofram. Desse modo, percebe-se que um dos temas que mais preocupou Isaías foi a questão da justiça, da sua administração. Ele denunciou os que não levavam em consideração as causas de “órfãos e viúvas” (Is 1,23) e aqueles que ocasionavam violências aos homens honrados com suas condenações injustas (Is 5,22-23).³⁵

Entre os profetas do Antigo Testamento, Amós é um dos mais importantes e um dos menos conhecidos do público cristão. Ele é dos profetas que incomodam muita gente e sua mensagem ainda mais. Os nove capítulos de seu livro são baseados em seus oráculos, mostrando assim a imagem de um Deus que troveja, ruge e pune, um Deus de poder. Em suma, um Deus que reaviva as lembranças ruins de uma religião severa, e cuja imagem nos

³² MONTAGNINI, F. *Isaías 1-39 o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história*. São Paulo: Paulinas, 1993, p.79.

³³ SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, p. 285.

³⁴ ASURMENDI, Jesus. *O profetismo das origens à época moderna*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 81.

³⁵ SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, p. 286.

parece bem distante daquela do Deus de ternura e de misericórdia revelado por outros profetas e, de modo particular, por Jesus de Nazaré.³⁶

Compreende-se que a salvação do ser humano é um dom de Deus. É graça, mas não é porque seja uma graça que a pessoa não deva buscar fazer sua parte. Para que ela aconteça é preciso conversão,³⁷ por meio da qual Deus quer dar a salvação.

Amós foi definido como o “profeta da justiça”. De fato, ele lança seus anátemas contra todas as formas de injustiça social. Mesmo quando denuncia o culto, não o faz porque o povo tenha se desviado do ritual prescrito, mas porque coloca juntos incenso e injustiça, prece e opressão, rito e alienação humana. Ele tampouco prega uma religião totalmente intimista e encarcerada na consciência, à moda romântico-burguesa. A fé, para ele, deve traduzir-se em justiça social; a justiça social brota de uma relação perfeita com Deus.³⁸

De acordo com Francisco Ribeiro Souza, Amós é um dos profetas que anuncia que a salvação vem de Deus. Diz que Deus faz o julgamento pela situação de pecado presente na classe dominadora, pois é ela que vive numa falsa segurança. Para Amós não existe nenhuma razão para a escravização das pessoas pobres. O profeta “rompeu barreiras culturais e éticas de seu tempo, antecipou muitos séculos nessa consciência de que nada e muito menos o dinheiro é motivo de escravizar pessoas”.³⁹

O tema da justiça social, tão caro a esse profeta, não nos deixa indiferentes, quando tomamos consciência dos enormes problemas de todos quantos continuam sendo marginalizados por nossa sociedade desenvolvida e rica. Foi por causa de problemas dessa natureza que Amós se pôs a falar para o seu tempo. É por causa de problemas semelhantes que Amós continua a nos falar nos dias de hoje.⁴⁰

Sicre acrescenta que se alguns estudiosos encontraram dados sérios para apresentar Amós como defensor concreto do camponês pobre, em Isaías não ocorre o mesmo. Sua missão se amplia a todos os estratos. Dentro dos grupos concretos adquire especial relevância o de órfãos e viúvas, que Amós não menciona e Isaías o faz em três ocasiões (Is 1,17. 23; 10,2). Assim como para Amós, também para Isaías a injustiça tem suas raízes no coração do homem e nas estruturas sociais. O motor de todo mal é a cobiça. É crime a negação ao pobre

³⁶ SILVA, Aldina da. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 7.

³⁷ MONTAGNINI, F. *Isaías 1-39: o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história*. Pequeno Comentário Bíblico AT. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 69.

³⁸ BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*. São Paulo: Paulinas, 1983, p.23.

³⁹ RIBEIRO, Francisco Souza. *Justiça: entrevista com o profeta Amós*. São Paulo: Paulinas. 1996, p. 109ss.

⁴⁰ SILVA, Aldina da. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 14.

de qualquer dignidade humana, diz o profeta Amós, e Isaías diz que sejam amaldiçoados os que exploram e negam a justiça ao pobre. Esses profetas são os verdadeiros defensores dos pobres e oprimidos.⁴¹

A preocupação e o desejo de justiça a favor dos oprimidos e dos pequenos continua também no livro dos Salmos. Embora a oração dos Salmos seja sempre motivada pelo louvor, o salmista apresenta também além do louvor a Deus o seu pedido por socorro. Ele tem um amor preferencial pelo Senhor, está exposto aos seus inimigos, mas tem a certeza de que Deus é fiel e vem em seu auxílio.⁴²

Para Santos Benetti, em seu livro *Versos e reversos*, o Salmo 3 parece uma oração familiar, quase rotineira. O orante coloca diante de Deus a sua angústia, sua solidão e sua pobreza. Ele acredita que mesmo vivendo nessa situação, pode dormir tranquilo, pois o Senhor vela o seu sono e o salva:⁴³ “mas tu, Iahweh, és o escudo que me protege, minha glória e o que me ergue a cabeça. Em alta voz eu grito a Iahweh, e ele me responde do seu monte sagrado. Eu me deito e logo adormeço. Desperto, pois é Iahweh que me sustenta”.⁴⁴

Na Bíblia encontra-se Deus agindo de diversos modos em favor dos necessitados, e sente-se indignado diversas vezes por causa dos mesmos, pois o Senhor ama o seu povo de verdade. Matthias Grenzer, no livro *Dança ó terra*, diz que a ação de Deus em favor do pobre ganha, no Salmo 113, centralidade nas diversas tradições bíblicas, ao marcar presença nas narrativas que contam, teologicamente avaliadas, a história do povo de Deus, ao ocupar as tradições jurídicas do Antigo Israel e ao inspirar os discursos profético-sapienciais.⁴⁵

Salmo 113

1 Aleluia! Louvai, servos de Iahweh, louvai o nome de Iahweh!
2 Seja bendito o nome de Iahweh, desde agora e para sempre;
3 do nascer do sol até o poente seja louvado o nome de Iahweh!
4 Elevado sobre os povos todos é Iahweh, sua glória está acima do céu!
5 Quem é como Iahweh nosso Deus? Ele se eleva para sentar-se,
6 e se abaixa para olhar pelo céu e pela terra.
7 Ele ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixo,

⁴¹ SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, p. 137.

⁴² MANNATI, M. *Para rezar com os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 13.

⁴³ BENETTI, Santos. *Salmos: versos e reversos*. São Paulo: Paulinas, 1977, p.22.

⁴⁴ Cf. Sl 3, 4-6.

⁴⁵ GRENZER, Matthias. *Ação inversora do destino dos pobres*. In: FERNANDES, Leonardo Agostini. *Dança ó Terra: interpretando Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 123.

8 fazendo-o sentar-se com os nobres, ao lado dos nobres do seu povo;
9 faz a estéril sentar-se em sua casa, como alegre mãe com seus filhos.

O Salmo acima é um salmo de louvor a Deus. A pessoa que reza tem presente quem é Deus em sua vida e bendiz o nome do Senhor “do nascer do sol até o poente seja louvado o nome de Deus” (Sl 113,3). Deus manifesta o seu amor para com seu servo, e por isso, ele reconhece este amor e o agradece louvando o Senhor seu Deus: “(...) Iahweh, sua glória está acima do céu!” (v.4). Aqui o salmista reconhece a grandeza de Deus e por isso Ele é digno de todo louvor. Acrescenta Grenzer que à medida que o Senhor se abaixa e lhe revela a sua glória, confrontando-se com a realidade que na terra se faz presente, pois o poema, no seu ponto alto, ganha exclusividade quando o assunto é o Senhor e seu agir a favor dos pobres.⁴⁶

O salmo 37 declara: “Mais um pouco e não haverá mais ímpio, buscarás seu lugar e não existirá; mas os pobres possuirão a terra e se deleitarão com abundância” (Sl 37,10-11). Os versículos desse Salmo apresentam o ímpio, como aquele que pratica a injustiça e não busca a Deus, mas a si mesmo. No entanto, o pobre que busca a Deus que o ama, esse sim possuirá a paz em abundância, ou seja, possuirá a terra.⁴⁷

O pobre é o amado de Deus, ao se aproximar do seu Criador, como o necessitado, Deus o liberta. Os Salmos 22,27; 34,2-4; 35,10 trazem essa presença do Senhor na vida do pobre. Ele nunca abandona o seu povo: “bendirei a Iahweh em todo tempo, seu louvor estará sempre em meus lábios; glorio-me de Iahweh; que os pobres ouçam e fiquem alegres” (Sl 34,2-3). Nota-se que a pessoa que reza não se vê longe de seu Senhor, pois não importa por qual situação esteja passando, ela sabe que o Senhor está com ela e não a deixará só, acredita que, Ele o Senhor seu Deus vem em seu auxílio.⁴⁸

⁴⁶ Ibid., p. 124

⁴⁷ Cf Sl 37,10-11.

⁴⁸ Cf. Sl 22,27; 34,2-4; 35.

CAPÍTULO II

*Com efeito, conheceis a generosidade de
nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa
de vós se fez pobre, embora fosse rico,
para vos enriquecer com sua pobreza.*

(2Cor 8,9)

DEUS AMA O POBRE NO ESPÍRITO: PERSPECTIVAS NO NOVO TESTAMENTO

No primeiro capítulo procurou-se definir o significado das palavras pobre e pobreza, por meio de alguns dicionários e estudos bíblicos. Com a delimitação da pesquisa também se abordou a situação do pobre e da pobreza no Antigo Testamento, em especial nos livros do Êxodo, do Deuteronômio, nos profetas Isaias e Amós e em alguns Salmos. Neste segundo capítulo, a espinha dorsal deste trabalho, se dará especial atenção ao tema em questão: *O pobre amado por Deus*. A pesquisa se limitará apenas à primeira bem-aventurança do Evangelho de Mateus 5,3, que diz: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”.

2.1 Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus (Mt 5,3)

O Evangelho de Mateus é uma espécie de ponte entre a promessa do AT e sua realização. Apresenta o Messias, Cristo, como aquele que cumpre as promessas do AT no NT. Mateus mostra Jesus como o Mestre da justiça, pois Ele cumpre as promessas de Deus feitas a Abraão e a Davi.⁴⁹

A citação de Mateus “felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3), é extraída do Sermão da Montanha.⁵⁰ Esse Sermão são os discursos ou ensinamentos de Jesus para seu povo. Ele vê a multidão e começa a ensinar como se deve viver para participar do seu Reino (cf. Mt 5,1). Jesus fala da felicidade que o povo passa a sentir, pondo em prática os seus ensinamentos, pois é a partir de suas práticas que o Reino se fará presente no meio dele.

Em sua obra, *Evangelho de Mateus*, David Michael Stanley fala da diferença entre Mateus e Lucas e da importância da palavra de Jesus de Nazaré:

Mateus fala do Sermão na Montanha e Lucas na planície. Nenhum dos dois é uma fita magnética dos ensinamentos de Jesus. A palavra de Jesus de Nazaré, transmitida na tradição oral foi vivida pelos cristãos antes de ser escrita. O Sermão da Montanha é um resumo do que deve caracterizar a comunidade que acredita em Jesus de Nazaré como Messias.⁵¹

⁴⁹ PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 27.

⁵⁰ STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1975, p.45.

⁵¹ *Ibid.*, p. 45.

No grego “felizes” ou “bem-aventurados” denomina-se *macárioi*,⁵² que significa as pessoas escolhidas por Deus na pessoa de seu Filho Jesus Cristo para viver os seus ensinamentos e guiar o seu povo, como fala o Salmo 119 “felizes os íntegros em seu caminho, os que andam conforme a lei de *Iahweh!*” (Sl 119,1). Lei entendida como os ensinamentos do Senhor:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. (Lc 4,18-19).

As bem-aventuranças têm um núcleo que resume a promessa de Jesus, que veio trazer esperança aos pobres, aos aflitos e oprimidos. Deus, através de seu Filho Jesus Cristo, é o defensor dos pobres e mostra o seu amor, decidindo tomar o lugar deles e agir a favor dos pobres. A manifestação de Deus foi, e sempre será, em favor do pobre que sofre, daquele que é oprimido, humilhado e injustiçado, para que todo esse sofrimento acabe e o pobre permaneça pobre, mas, pobre no espírito para que assim seja feliz.⁵³

Os anunciadores das bem-aventuranças, referindo-se a Deus, dão um testemunho essencial: a vida tem um significado porque tem um fundamento. Deus pode alimentá-la, o seu amor a sustém. Viver nessa certeza é descobrir a alegria. Hoje, cada vez, mais são necessários apóstolos da alegria, testemunhas de vida. Os que creem no Deus revelado por Jesus podem sê-lo de modo eficaz, porque ter fé em Deus significa que o Bem existe e está à disposição do homem; significa que a vida pode fluir, porque é sustentada por um amor sem limites. O testemunho que os cristãos devem dar é justamente este: a vida pode desenvolver-se e assumir formas novas, porque sua fonte é inesgotável.⁵⁴

Conforme a hermenêutica do autor acima citado, o sentido também do bem-aventurado é: o escolhido de Deus, sua vida é uma bênção para os irmãos. A pessoa é feliz, por onde passa deixa o seu testemunho de vida, pois vive de fé e da palavra de Deus e sua obra toda é verdade; ela ama a justiça e o direito, a terra está cheia do amor de *Iahweh* (Sl 33,4-5). E ainda, “feliz o homem a quem corriges, *Iahweh*, e a quem ensinas por meio de tua lei, dando-lhe descanso nos dias maus, até que abram uma cova para o ímpio” (Sl 94,12-13).

⁵² OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminho para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, p. 14.

⁵³ ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto S. *A justiça dos pobres. Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 53.

⁵⁴ MOLARI, Carlo. *O segredo de Deus: a perfeita alegria*. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P. *Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 19.

Esta escolha de Deus significa compromisso, o escolhido tem uma missão a viver com os seus irmãos e irmãs em Jesus Cristo.

2.2 Deus ama o pobre no espírito

Na colocação anterior, investiu-se para entender o significado de ser “bem-aventurado”. Viu-se que bem-aventurada é a pessoa escolhida por Deus para dar testemunho do que aprendeu, ou seja, é um pobre no espírito, que está aberto aos ensinamentos do Senhor, por isso, os acolhe e aceita a escolha. Tal acolhimento é uma prova da correspondência do amor de Deus para com quem confia nele. Estar aberto aos ensinamentos do Senhor implica em exercer o amor que Ele incessantemente oferta.

No livro *Morar na casa do amor*, Anselm Grün, considera que:

Ao amar o homem, o próprio Deus se faz vulnerável. A cruz simboliza ambas as coisas: o amor de Deus pelo homem e o seu sofrimento por ele se fechar. Contemplando a cruz, somos iniciados no mistério do amor divino. E, junto à cruz, pressentimos que o nosso amor a Deus não será sem dor, e que onde amamos Deus sofremos com nossa estreiteza. Dói quando o amor nos abre para Deus.⁵⁵

Concepção semelhante à de Anselm Grün é apresentada por Gustavo Gutiérrez no livro *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: o pensamento de Bartolomeu de Las Casas*, onde demonstra que o comportamento cristão se fundamenta no amor, particularmente pelos necessitados, “servir a Deus, a nosso Senhor – escreve – e favorecer os pobres de Jesus Cristo” são aspectos inseparáveis. Por isso, Jesus se apresenta como alguém que andou por todo o mundo para ver a realidade de seu povo, para ver e prover a justiça.⁵⁶

É fundamental que se tenha presente que ser pobre no espírito tem como condição essencial a experiência do amor de Deus numa relação com o Senhor e o próximo, desprovida de arrogância e autossuficiência. Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson, em *A justiça dos pobres-Mateus*, elaboram conceitos similares a esta perspectiva:

O pobre é o que deixa de lado autossuficiência e falsa segurança que está no desejo de controlar o futuro e o relacionamento com os outros. Mateus acrescenta “em espírito” para mostrar que o discípulo deve ser igual ao Mestre, totalmente pobre “de coração”. É por esta atitude que se constituirá a

⁵⁵ GRÜN, Anselm. *Morar na casa do Amor*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 36.

⁵⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 541.

Comunidade dos Pequenininos, portadora da missão de Jesus (Mt 10,42; 18,6).⁵⁷

A palavra *espírito*, em grego *pneuma*, ou em hebraico *ruah*, significa “vento” que implica “força” e também “interioridade vital”.⁵⁸ Assim sendo, ser pobre no espírito vai muito além do ser pobre materialmente, a força que move a pessoa é a força do próprio Deus, a força do Espírito Santo. Como foi dito anteriormente, o pobre no espírito é o que decide ser pobre, é aquele que se deixa ser movido pelo Espírito Santo de Deus e o obedece fazendo a sua vontade.⁵⁹ O tornar-se pobre por causa do Reino, tem como centro os ensinamentos de Jesus de Nazaré, portanto, o ser pobre no espírito independe da condição social.

Para Stanley, em sua obra *Evangelho de Mateus*,

A atitude fundamental da pobreza é o reconhecimento e entrega livre de si a fim de viver inteiramente na dependência do amor do Pai. O “em espírito” significa que a atitude de ser pessoal é livremente assumida. A aflição é uma atitude psicológica. É uma atitude de busca que nasce da pobreza. É uma entrega cada vez maior a fim de sempre realizar sua vida na medida do Pai.⁶⁰

O amor de Deus para com o pobre é a manifestação de sua justiça a favor dos oprimidos e injustiçados. “Ser pobre é uma atitude básica para ser como Jesus”⁶¹ e para entrar no Reino de Deus (Mt 19,24). Os pobres que estão em plena situação de miséria, de opressão e de injustiça representam a realidade sofredora presente na sociedade. Mais todos são convidados a assumir a causa do pobre, defender seus direitos que são pisoteados pela sociedade.

Conforme o autor Jacques Dupont em *Jesus, Messias dos pobres, Messias pobre*:

Os “pobres em espírito” caracterizam-se pela disposição de alma, uma atitude interior; sua “pobreza espiritual” torna-os, ao mesmo tempo, “mansos”, segundo outra tradução de *anawîn* que gera essa bem-aventurança como prolongamento da primeira. A bem-aventurança dos que estão “famintos e sedentos de justiça” já não diz respeito a uma necessidade física, mas a uma ardente aspiração espiritual. Se a bem-aventurança dos “aflitos” permanecer ambivalente, o contexto em que ela se encontra convida ainda a descobrir uma disposição religiosa.⁶²

⁵⁷ D'AGOSTINO, Francesco. *O segredo de Deus: a perfeita alegria*. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P. *Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, p. 57.

⁵⁸ FERREIRA, Francisco Albertin. *As bem-aventuranças de Jesus*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 40.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 40.

⁶⁰ STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. p. 46.

⁶¹ ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto S. *A justiça dos pobres. Mateus*. p. 57.

⁶² DUPONT, Jacques. *Jesus, Messias dos pobres, Messias pobre*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 30.

Para os pobres economicamente, faltam condições básicas para suprir a suas necessidades de modo que vivam com dignidade humana. Como relata Fabris, eles buscam sua força em Deus.

Os pobres são pessoas sem bens sociais e econômicos. Mas essa categoria, em geral, oprimida, põe sua confiança em Deus. Os opressores são os ricos, que, em geral, não observam as tradições dos pais, colaboram com os estrangeiros, os pagãos, e se dedicam ao grande comércio. Os pobres são os humildes, que, ao mesmo tempo, são piedosos, devotos e observantes.⁶³

Os pobres no espírito são pessoas em que a confiança no Senhor é um valor importante, pois acreditam em sua promessa, e aonde o Senhor se faz presente também seu Reino de justiça e amor está (cf. Jo 3,16), porque o Senhor ama seu povo de verdade. O Deus de Israel se compadeceu de seu povo e tomou sobre si o jugo que o oprimia. No Evangelho de Mateus 11, 29 temos: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossas almas”.

Para Mateus não basta ser pobre, mas “pobre no espírito”, do mesmo modo como ele diz “puro de coração”. Não se trata da pureza externa, procurada pelos fariseus, mediante as abluções e as observâncias rituais, mas da “pureza de coração” do íntimo. Essas duas expressões, “puro de coração” e “pobre em espírito”, são correspondentes. Elas dão a entender que pobre em espírito não é simplesmente aquele que pensa de maneira acanhada, mas o pobre no íntimo, de pobreza sincera e profunda, como o puro de coração. Não se trata do aspecto externo, formal, mas do íntimo, no nível da consciência. A especificação feita por Mateus responde a preocupações morais e espirituais, diferentes da visão, mais realista, de Lucas.⁶⁴

Para Fabris, o “tomai sobre vós o meu jugo”, corresponde a “fazer a vontade de Deus”, e sua justiça, aprendei de mim, “porque sou manso e humilde de coração”. Segundo o autor, tem-se aqui a chave para compreender a expressão “pobres no espírito ou puros de coração”. Pois o humilde é aquele que tem o sentido da total doação a Deus.⁶⁵

O pobre é amado por Deus com amor de predileção porque “Deus tem memória muito presente e muito viva, desde o menorzinho” (*Carta al Consejo*, 1531, V 44b). Esta preferência deve ser, portanto, uma norma de vida para o cristão. E frei Bartolomeu, recordando que aqueles que exploram e assassinam o índio “acreditam que o ouro esteja vivo e é principal fim”, desqualificá-lo-á como cristão.⁶⁶

⁶³ FABRIS, Rinaldo. *A opção pelos pobres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 14.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 20.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 21.

⁶⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, p.81.

Diante disso, entende-se que, a pobreza deve ser no espírito, pois o pobre que Deus ama é aquele que se faz pobre para tê-lo como a sua única riqueza. Jamais Deus quer que seus filhos sejam injustiçados, aonde Ele se faz presente não existe esse tipo de pobreza emanada da injustiça. Deus também ama o miserável, mas não deseja que ele seja miserável, Ele o quer pobre, mas no Espírito, não sem espírito, tampouco sem dignidade de ser pessoa, criatura amada dEle. Portanto, o pobre material deve ser por opção e não por consequência das injustiças do homem.⁶⁷

Segundo Santo Agostinho é por meio do AT que aprendemos o jeito de Deus. Ou seja através da história de Israel, por sua oração, pelo brado de seus profetas, que Deus ama os pobres, que gosta de agir em favor, que ele não olha “a estatura de um homem, mas o seu coração”. Amar os pobres significa, sobretudo, respeitá-los e reconhecer sua dignidade. Neles, precisamente pela ausência de outros títulos e distinções acessórias, resplandece numa luz mais viva a dignidade radical do ser humano.⁶⁸

O amor de Deus para com o pobre é sempre presente, por isso Ele age em seu favor dando-lhe dignidade de filho seu. Graça revelada por meio de seu Filho Jesus Cristo: “Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem” (Fl. 2,6-7). Essa passagem mostra que Deus, presente em seu Filho Jesus Cristo, opta por ser pobre, por isso a pessoa que opta por ser *pobre no espírito* é feliz, pois ela é vive movida pelo Espírito Santo de Deus.

O papa Bento XVI, na parte I de sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, fala que *o amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós.*⁶⁹ O Evangelho de João afirma que Deus é amor, quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele (cf. Jo 3,16). O amor é o elo entre Deus e a pessoa humana, sua criatura, através do ser humano Deus manifesta o seu amor. Portanto, cada pessoa é um instrumento do amor de Deus, vivendo o amor uns para com os outros.

O encontro com as manifestações visíveis do amor de Deus pode suscitar em nós o sentimento da alegria, que nasce da experiência de ser amado. Tal encontro, porém, chama em causa também a nossa vontade e o nosso intelecto. O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à dele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor.⁷⁰

⁶⁷ FERREIRA, Francisco Albertin. *As bem-aventuranças de Jesus*. p. 41.

⁶⁸ CANTALAMESSA, Raniero. *A pobreza*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 20.

⁶⁹ DCE 2.

⁷⁰ DCE 17.

Deus se manifesta na História e propõe uma Aliança. Essa é uma proposta de relacionamento com ele. “Eis que eu os reunirei de todas as regiões em que os dispersei, em minha ira, em meu furor e em minha grande indignação: eu os trarei de volta a este lugar e os farei habitar em segurança. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus.” (Jr 32,37-38). Esta é a Aliança selada por Deus para com o seu povo, pois o que se sabe não são simplesmente coisas a respeito de Deus. Ele age de baixo para cima, de dentro para fora, pois convive com a humanidade. O Deus de Israel não é justiceiro, mas sim um Deus de amor que conversa com o seu povo.

2.3 Do pobre é o Reino dos Céus

O coração do Sermão da Montanha encontra-se em um versículo que, de certo modo, o resume: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). O sujeito do pronome possessivo da primeira frase está no versículo anterior: é o “Pai celeste”.⁷¹

Constata-se, desse modo que, amar a Deus não é obrigação do ser humano, mas afirmação, pois o amor serve para sustentar a vida humana. É a partir das práticas de Jesus de Nazaré que se estabelece a justiça e o direito, a presença do Reino dos Céus entre seu povo.

O pobre torna-se vítima do ímpio porque tem outro referencial de vida. Ele não retribui com a mesma moeda, não reproduz a prática violenta dos ímpios. A partir do momento em que foi caluniado, explorado, roubado, agredido violentamente, transforma-se em indefeso que depende da misericórdia dos outros.⁷²

O conceito Reino de Deus ou dos Céus se faz presente ao longo da história da humanidade, ou melhor, da história bíblica, mas chegou ao seu cume na pregação de Jesus de Nazaré. De acordo com o autor Johannes B. Bauer na obra *Dicionário Bíblico-Teológico* explica:

A tradução mais antiga e adequada do original hebraico-aramaico seria “a Realeza de Deus” ou “o reinar/ Reinado de Deus”. Algumas expressões metafóricas (p. ex., “entrar no Reino de Deus”) sugerem a ideia de um “Reinado”; assim também os textos sobre o Reino cósmico, consumado, de Deus, no fim do mundo. Os demais textos, porém, costumam se referir ao

⁷¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* In: MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 20014, p. 143-144.

⁷² OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminho para o Reino com as bem-aventuranças*. p. 42.

poder régio de Deus, agora, e ao exercício deste poder. Expressão “Reino dos Céus” ocorre apenas em Mateus (33x); é apenas de “Reino de Deus”, pois a expressão “os céus” substitui o nome divino. Em nossos dias tornou-se comum um uso banal e falso da palavra, que necessita urgentemente ser corrigido por uma reflexão sobre os textos do NT. É preciso captar, na base das tradições sobre Jesus nos evangelhos, o pensamento do próprio Jesus, comparando-o com o AT e com as ideias do seu tempo. Mas é preciso entender também a mudança que houve no *querigma* do cristianismo primitivo, a guinada do anúncio sobre Jesus; e, afinal, a relação entre o Reino de Deus e a Igreja.⁷³

Bauer chama atenção para algumas expressões que se referem ao reinado de Deus e outras para sua realeza, mas diz também, que é necessário dar atenção para às mudanças que aconteceram no *querigma* do cristianismo primitivo e a compreensão do reino a partir da pregação de Jesus de Nazaré.

Jesus nasce na Galiléia e anuncia o Reino de Deus ao mundo. Quando Jesus diz: “Meu reino não é desde mundo” (Jo 18,36), quer dizer não simplesmente que seja “do outro mundo”, mas que seja de um mundo diferente, pois não se baseia no poder e na força, mas no Amor. Para o bem-aventurado Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, a pobreza é, antes de tudo, uma atitude do coração, sem a qual não pode existir o verdadeiro pobre. Existe a pobreza afetiva, acompanhada da riqueza efetiva; até chegar a pedir esmolas para dar a Deus e ao próximo.⁷⁴

A primeira afirmação de Mateus com a expressão Reino dos Céus é: “Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo” (3,2; 4,17), resumo da pregação de João Batista e de Jesus. Isso indica que, para compreender esse Reino dos Céus, não basta apenas uma mudança de vida, mas que sejamos “pobres em espírito”, “porque deles é o Reino dos Céus” (5,3). Seremos perseguidos por “causa da justiça” (5,10). “Teremos de cumprir os mandamentos (5,19) e a nossa justiça deve superar a dos escribas e fariseus (,20). Além de praticarmos a palavra de Deus, pois não basta dizer “Senhor, Senhor” (7,21) na teoria que nos garante o Reino dos Céus. Mateus utiliza a expressão Reino de Deus”. Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (6,33). Esse Reino de Deus exige a prática da justiça.⁷⁵

Conclui-se que a pregação e as ações de Jesus têm a ver com o Reino de Deus. E sua proposta não é só o anúncio ou pregação do Reino, mas a sua realização, pois Jesus anuncia o Reino com palavras e ações. Ele não só anuncia, mas realiza o Reino de Deus no meio de seu

⁷³ BAUER, Johannes B.; MARBÖCK, Johannes; WOSCHITZ, Karl M. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p.361

⁷⁴ CATEQUESE PAULINA. *Fichas referentes ao conteúdo específico da formação paulina*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 460.

⁷⁵ FERREIRA, Francisco Albertin. *As bem-aventuranças de Jesus*, pp. 28-29.

povo. Assim observa-se que os milagres e as curas realizados não são simplesmente para mostrar o seu poder, pois à medida que vão acontecendo quem aparece é Jesus e não as pessoas que recebem (cf. Mt 4,23).

Entende-se que Deus ama primeiro o ser humano e depois o cria por amor e com amor. Esse amor de Deus pelo ser humano é um amor sem limites. Em sua obra *O Deus da vida*, diz Gustavo Gutiérrez,:

A opção preferencial pelo pobre, pelo fraco, pelo último, atravessa toda a Bíblia e não pode ser entendida fora da absoluta liberdade e gratuidade do amor de Deus. Os caminhos de Deus não são os nossos (cf. Is 55,8). Por isso, para Ele, “os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”. O Deus da revelação bíblica não se limita a exigir o cumprimento de uma justiça formal. Seu amor, e, por conseguinte, o que exige de nós, salta essas valas e vai, generosa e livremente, em busca daqueles a quem a sociedade marginaliza e oprime. Devemos estar sempre abertos à novidade e à criatividade do amor de Deus. A gratuidade não é o reino do arbitrário e do supérfluo; o gratuito não se opõe nem desmerece a busca da justiça; ao contrário, dá-lhe seu verdadeiro sentido. Nada há de mais exigente que a gratuidade do amor.⁷⁶

Jesus veio para revelar o Reino de Deus. Em Jesus, tudo é revelação daquilo que o anima por dentro. Ele não só anuncia a Boa Nova do Reino, mas Ele é o próprio Reino de Deus, dando o seu testemunho de Filho *muito amado do Pai*, ou seja, é o Reino acontecendo na história. Nele aparece aquilo que acontece quando um ser humano deixa Deus *reinar*, tomar conta de sua vida. Pelo seu jeito de conviver e de agir, Jesus revela o que Deus tinha em mente quando chamou o povo no tempo de Abraão e de Moisés.⁷⁷

O povo pobre entendia as coisas que Jesus dizia. Os doutores não entendiam (Mt 11,25). Entre Jesus e o povo havia um mútuo entendimento como entre o pastor e ovelhas: “conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem” (Jo 10,14; cf. 10,2. 27). Os pobres podiam até não *conhecer* as coisas de Deus, pois não tiveram oportunidade de estudar como os escribas. Mas muito melhor do que estes sabiam *reconhecê-las* na vida e nos acontecimentos.⁷⁸

Assim, quando se fala que Deus ama “os pobres no espírito”, porque deles é o Reino dos Céus, se está dizendo que Deus manifesta o seu amor pelo seu povo, fazendo o Reino acontecer em seu meio. Ele fez da justiça e do direito os alicerces para o seu reinado. À medida que o pobre é pobre por opção, e não por imposição, ele experimenta ações verdadeiras, testemunhando a presença do Reino, ou seja, vive impulsionado pelo Espírito

⁷⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990, pp.154-155.

⁷⁷ MESTRE, Carlos. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 55.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 102.

Santo de Deus⁷⁹ até chegar, um dia, a afirmar como São Paulo: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. (Gl 2,20) Apreende-se que Deus quer o bem de todos os seus filhos, nas várias dimensões da vida, inclusive a material, porém, os quer pobres em espírito, sem nada de orgulho, conforme vimos na passagem do Evangelho de Mateus. O pobre no espírito acumula tesouros nos céus, onde a traça não corrói e os ladrões não roubam. (cf. Mt 6,19).

Desse modo, podemos traçar uma linha distintiva entre a pobreza no espírito e a pobreza de espírito. Como vimos, a pobreza no espírito nos dignifica e nos torna participantes do Reino de Deus, testemunhas de seu amor e misericórdia na terra. A pobreza de espírito nos diminui e nos afasta de Deus, nos desumaniza de modo a não vivermos os princípios cristãos. Muitas vezes, convivemos com pessoas ricas materialmente, porém pobres de espírito. O pobre materialmente, aquele para quem as políticas públicas de assistência são endereçadas, os desvalidos materialmente, nem sempre são, a rigor, os pobres de espírito. Muitos deles, beneficiados com a graça de Deus, são plenos de sua misericórdia e beneficiários de seu infinito amor.

É preciso, porém, ressaltar, que todos somos filhos de Deus e, portanto, amados incondicionalmente por Ele. Maria, como mãe de todos nós, também deve servir de exemplo do amor e da graça, aquela que soube cultivar a pobreza em espírito: “Maria é aquela que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ele é a serva humildade do Pai, que transborda de alegria no louvor”.⁸⁰

⁸⁰ Cf. *Evangelii gaudium*, n° 286.

CAPÍTULO III

Quem não possui dinheiro é considerado apenas à medida que pode servir a outros fins. Há muitos tipos de pobreza, mas a pobreza econômica é a que é olhada com maior horror.

(Papa Francisco)

ORIENTAÇÕES PASTORAIS DOS DOCUMENTOS DO CELAM, MEDELLÍN, PUEBLA E APARECIDA

Depois de abordarmos a pobreza em sua dimensão bíblica, que está além da miséria material e possui uma dimensão espiritual, passaremos, neste capítulo, a avaliar como, do ponto de vista pastoral, o tema da pobreza vem sendo analisado, sobretudo nos contextos sociais mais desfavorecidos. Considerando que a *pobreza no espírito* mais do que uma situação ou consequência, é uma opção que nos conduz a experimentar o Reino de Deus, veremos aqui como a Igreja, à luz dos documentos do CELAM, fez uma opção pelos pobres e oprimidos.

3.1 Conferência Episcopal de Medellín

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín, na Colômbia, foi convocada pelo então papa Paulo VI, para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II⁸¹ às necessidades da Igreja na América Latina (a primeira havia sido no Rio de Janeiro, em 1955). A abertura da Conferência de Medellín foi feita pelo Papa na catedral de Bogotá, no dia 24 de agosto de 1968.⁸² Essa foi também a primeira vez em que a América Latina recebeu a visita de um pontífice. O documento é fruto dos trabalhos das 16 Comissões e Subcomissões em que esteve organizada a Conferência.⁸³

A partir do documento de Medellín, a Igreja tem hoje como expressão de ação evangelizadora a *opção fundamental pelos pobres*. Essa nomenclatura surgiu na América Latina, continente majoritariamente pobre e cristão. A Conferência faz uma clara e profética *opção preferencial* e solidária pelos pobres e consagra a expressão no contexto da missão evangelizadora da Igreja.⁸⁴ Essa *opção preferencial pelos pobres* que pode unir todos os

⁸¹ No dia 11 de outubro de 1962, João XXIII, abria o Concílio Vaticano II com um discurso que passaria à história, quer pelo otimismo demonstrado em relação ao mundo, tal como é, quer pela visão de que a mudança nas expressões da fé se haviam tornado uma urgência pastoral, e em nada comprometia a substância da verdade revelada. Foram dez as sessões do Concílio Ecumênico. A de abertura foi a única celebrada no pontificado de João XXIII (1958-1963). As outras se realizaram sob o pontificado de Paulo VI (1963-1978), p. 3-4.

⁸² PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* Conclusões da Conferência de Medellín, 1968 – *Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998, p. 5.

⁸³ *Ibid.*, p. 9.

⁸⁴ SOBRINO, John. *Opção pelos pobres*. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 408.

teólogos europeus e norte-americanos, cubanos e latino-americanos, deveria ser reconhecida como a própria opção de Jesus.⁸⁵

Somente se uma Igreja for pobre, realmente e economicamente, como aquele que não tinha onde repousar a sua cabeça, que opta estrategicamente e escatologicamente pela evangelização dos pobres (proclamação por fatos da possibilidade histórica e escatológica de sua libertação), poderá, tática e concretamente, realizar um apostolado em favor dos ricos (por exemplo: a pastoral castrense na América Latina), mas *a partir dos pobres* e com referência a eles. Evangelizar os ricos convertê-los para que libertem os pobres da prisão histórica do pecado que os próprios ricos construíram.⁸⁶

Dentre os vários temas tocados por Medellín, três tiveram significativa relevância na Conferência: a justiça, a paz e a pobreza. Mas os elementos característicos, como o da pobreza e o da libertação, foram os de maior preocupação em Medellín, pois têm a ver com a dignidade humana; todos os homens e mulheres necessitam de profunda conversão para que chegue a nós o *Reino de justiça, de amor e de paz*. A origem de todo desprezo ao homem, de toda injustiça, deve ser procurada na injustiça, está no desequilíbrio interior da liberdade humana, que necessita sempre, na história, de um permanente esforço de retificação.⁸⁷

O maior mandamento da lei é amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo (cf. Mt 22, 37-40). A Santa Igreja, assim como nos primeiros tempos, juntando a “ágape” à Ceia Eucarística se mostrava toda unida à volta de Cristo pela caridade, assim em todos os tempos se pode reconhecê-la por este sinal do amor. E alegrando-se com as realizações alheias, ela reserva para si, como dever e direito próprios, que não pode alienar, as obras de caridade. Por isso, reivindica as obras de caridade, como dever seu e direito inalienável. Por isso, a misericórdia para com os pobres e enfermos e as chamadas obras de caridade, e de mútuo auxílio para socorrer as múltiplas necessidades humanas, são para a Igreja honra de modo especial.⁸⁸

A Conferência de Medellín considera que a Igreja da América Latina não pode ficar indiferente diante das injustiças:

O Episcopado latino-americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria desumana. Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a

⁸⁵ DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança. Vol. 2 (De Sucre à crise relativa do neofascismo – 1973-1977)*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 460.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 464

⁸⁷ PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968 – Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998, n. 3, pp. 46-47.

⁸⁸ Cf. *Apostolicam actuositatem*, n° 8.

seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte. “Agora, nos escutais em silêncio, mas ouvimos o grito que sobe de vosso sofrimento”, disse o papa Paulo VI aos camponeses colombianos.⁸⁹

A Igreja deve ser *solidária com os pobres, testemunha dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nosso povo*. Pois ela é a grande evangelizadora do povo de Deus:

O mandato particular do Senhor, que prevê a evangelização dos pobres, deve levar-nos a uma distribuição tal de esforços e de pessoal apostólico, que deve visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados e os povos segregados por uma causa ou outra, estimulando e acelerando as iniciativas e estudos para que esses fins se realizem. Queremos, como bispos, nos aproximar cada vez com maior simplicidade e sinceridade, dos pobres, tornando possível e acolhedor o seu acesso até nós.⁹⁰

A nova Aliança de Deus para com o seu povo diz que todo aquele que pratica a justiça é escolhido por Deus (cf. At 10,35) em qualquer situação, tempo ou lugar. Deus quis, entretanto, santificar e salvar os homens, não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que as unem, mas constituiu um povo para reconhecê-lo na verdade e servi-lo na santidade.⁹¹

Em suas orientações práticas, o documento de Medellín declara que jamais se pode ficar alheio ao sofrimento dos mais necessitados, dos pobres:

Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres, exigência da caridade. Esta solidariedade implica em tornar nossos os seus problemas e suas lutas e em saber falar com eles. Isto há de se concretizar na denúncia da injustiça e da opressão, na luta contra a intolerável situação suportada frequentemente pelo pobre, na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por essa situação para fazê-los compreender suas obrigações.⁹²

Em Medellín ressalta-se que a Igreja da América Latina pode atuar em sua prática pastoral, sendo evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos. E que seus pastores e demais membros do Povo de Deus possam dar a sua vida, ou seja, testemunhar as exigências evangélicas.⁹³

⁸⁹ PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* Conferência de Medellín, 1968 – *Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, p. 195.

⁹⁰ *Ibid.*, nº 9, p. 199.

⁹¹ VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo, Paulinas, 1998, n. 9, p. 192.

⁹² PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* Conferência de Medellín, 1968 – *Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, n. 10, p. 199.

⁹³ II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 146.

Expressamos nosso desejo de estar sempre bem perto dos que trabalham no abnegado apostolado dos pobres, para que sintam nossa estima e saibam que não ouviremos vozes interessadas em denegrir seu trabalho. A promoção humana há de ser a linha de nossa ação em favor do pobre, respeitando sua dignidade pessoal, ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo. Com esse fim, reconhecemos a necessidade da estruturação racional de nossa pastoral e da integração de nosso esforço com os esforços de outras entidades.⁹⁴

Nas conclusões de Medellín se reconhece a situação de pobreza, injustiça e desigualdade dominante na América Latina, mas estão impregnadas de esperança na transformação, e se sabe dos esforços positivos já existentes em vista de uma sociedade mais justa.⁹⁵ No seguimento do Evangelho de Jesus Cristo, a luta da Igreja é a favor dos pobres, pois defende seus direitos, procura denunciar os abusos e também as consequências de todas as desigualdades sociais.

3.2 Ações concretas da Conferência Episcopal de Puebla

A III Conferência Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla, segundo consta no discurso inaugural pronunciado por João Paulo II, foi aberta em 28 de janeiro de 1979, no Seminário Palafoxiano de Puebla de Los Angeles, Mexico. O Papa diz que a mesma foi convocada pelo venerado Paulo VI, confirmada por seu inesquecível predecessor, João Paulo I e, naquele momento, confirmada por ele como um dos primeiros atos de seu pontificado. João Paulo II diz que quer estar com o povo no começo dos trabalhos agradecendo ao “Pai das luzes de quem desce todo dom perfeito” (Tg 1,17).⁹⁶

De forma direta e explícita, Puebla propôs o método que já estava sendo seguido em nossa pastoral: ver analiticamente, julgar teologicamente e agir pastoralmente. E pode-se notar no documento, embora a fidelidade ao método não tenha sido cabal e plena. Todos os capítulos partiram sempre da identificação da realidade (situação geral, anseios, angústias do povo, realidade cultural, problemas estruturais, conjuntura). A chamada reflexão teológica ou formulação doutrinal afirmada magistralmente, embora ainda não bem articulada, foi pensada como resposta a interpelações provenientes da realidade, considerada conflitiva ou confusa.⁹⁷

⁹⁴ PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* Conferência de Medellín, 1968 – *Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, n. 11, p. 200.

⁹⁵ Revista Eclesiástica brasileira, FASC. 269-Janeiro de 2008 – *Dizer Deus hoje-* novas categorias de Pe. Dr. Tiziano Tosolini. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 26-27.

⁹⁶ Puebla, Conclusões. Texto oficial: III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1979, p. 13.

⁹⁷ MARINS, José. *Puebla e as Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Paulinas, 1980, pp. 16-17.

Na Conferência, os bispos assumem clara e profética *opção preferencial* e solidária pelos pobres, em consonância com a posição de Medellín em vista da libertação integral deles, pois se constatou que a imensa maioria dos latino-americanos vivia em uma situação de pobreza e de miséria, que se agravou ao longo dos anos, quando a concentração das riquezas está nas mãos de poucos trouxe consequências para a maioria, que vive na pobreza e na miséria.⁹⁸

O Reino pertence aos pobres e aos pequenos, isto é, aos que o acolheram com um coração humilde. Jesus é enviado para “evangelizar os pobres” (Lc 4,18). Declara-os bem-aventurados, pois “o Reino dos Céus é deles” (Mt 5,3); foi aos “pequenos” que o Pai se dignou revelar o que permanece escondido aos sábios e aos entendidos. Jesus compartilha a vida dos pobres desde a manjedoura até a cruz; conhece a fome, a sede e a indigência. Mais ainda: identifica-se com os pobres de todos os tipos e faz do amor ativo para com eles a condição para se entrar em seu Reino.⁹⁹

Na quarta parte do documento de Puebla, o I capítulo trata da *opção preferencial pelos pobres*, expressão já usada em Medellín. A Conferência volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desviaram o espírito de Medellín, pois não foram todos os participantes que aderiram a tal *opção* de ação evangelizadora.¹⁰⁰

A Igreja, além de anunciar a dignidade da pessoa humana, de seus direitos e deveres, e de denunciar as violações cometidas contra o homem, deve exercer uma ação de serviço, como parte integrante de sua missão evangelizadora e missionária. Ela deve criar, juntamente com todos os homens de fé e boa vontade, uma consciência ética em torno dos grandes problemas internacionais.¹⁰¹

Em Puebla constata-se a situação dos pobres que continuam vivendo na miséria, e se chama atenção para que se tome consciência do que a Igreja latino-americana fez ou deixou de fazer pelos pobres, depois de Medellín, como ponto de partida para a busca de pistas opcionais e eficazes em sua ação evangelizadora, no presente e no futuro da América Latina. A Conferência afirma que em diversos setores da Igreja, como episcopados, laicatos,

⁹⁸ Puebla, Conclusões. Texto oficial: III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, p. 306.

⁹⁹ Cf. Catecismo de Igreja Católica, n. 544.

¹⁰⁰ Conclusões da Conferência de Puebla – *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1987, n° 1134, p. 325

¹⁰¹ Puebla. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina* – Texto oficial da CNB. Petrópolis: Vozes, 1979, n° 1283, p. 301.

religiosos/as, e sacerdotes tornaram mais profundamente realista com o seu compromisso com os pobres. O compromisso levou a Igreja latino-americana à denúncia das graves injustiças derivadas de mecanismos opressores.¹⁰²

O que se percebe, é que os pobres, também, a partir do momento que foram apoiados pela Igreja, começaram a se organizar para uma vivência integral de sua fé. Assim puderam reivindicar seus direitos com o apoio da Igreja.

Na Igreja da América Latina, nem todos nós temos nos comprometido bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles nem somos com eles solidários. O serviço do pobres exige, de fato, uma conversão e purificação constantes, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo, pobre e com os pobres.¹⁰³

A Igreja tem um compromisso evangélico com a Boa Notícia do Reino, com os necessitados, pois o Filho de Deus, unindo a si a natureza humana e vencendo a morte com a sua própria morte e ressurreição, remiu o homem, transformando-o numa nova criatura (cf. Gl 615;2Cor 5,17). E pela comunicação do Espírito, constituiu com os seus irmãos, chamados entre todas as gentes, o seu corpo místico.¹⁰⁴ O filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso ao fazer-se homem, pois identificou-se com os homens tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, em seu nascimento, em sua vida e, sobretudo, em sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima da pobreza.¹⁰⁵

Ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, a Igreja faz o que Cristo ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso, o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, do seguimento de Cristo. O melhor serviço ao irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, que o liberta e o promove integralmente. Puebla nos diz que para viver e anunciar a pobreza cristã, a Igreja precisa rever as suas estruturas e membros, sobretudo dos agentes de pastoral, com vistas a uma conversão efetiva.¹⁰⁶

A todas as pessoas aflitas e aos que sofrem por causa da violação de seus direitos, fazemos chegar nossa palavra de compreensão e ânimo. Exortamos

¹⁰² Ibid., nº 1135-1136, p. 275.

¹⁰³ Ibid., nº 1140, p. 276.

¹⁰⁴ Cf. *Lumen Gentium*, n.7.

¹⁰⁵ Conclusões da Conferência de Puebla – *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, nº 1142, p. 326.

¹⁰⁶ Puebla. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina - Texto Oficial da CNBB*. Petrópolis: Vozes, nº 1145-1157, pp. 277.279.

os responsáveis pelo bem comum a que ponham todo o seu empenho, com vontade resoluto, para remediar as causas que geram essas situações, e criem as condições necessárias para uma convivência autenticamente humana.¹⁰⁷

O documento se refere às ações concretas, que, comprometidas com os pobres, condenam como antievangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores no Continente. Como meio de união de forças, a Igreja reconhece a solidariedade de outras Igrejas para desarraigar a pobreza e criar um mundo mais justo e fraterno para todos.¹⁰⁸ Esse também é o sonho de Deus para todos os seus filhos. Puebla chama à atenção para que se entenda o que significa o termo preferencial, e diz: com seu amor preferencial, mas não exclusivo, pelos pobres, a Igreja, presente em Medellín, foi, como disse o Santo Padre, um chamado à esperança, rumo a metas mais cristãs e mais humanas. E a III Conferência Episcopal de Puebla quer manter vivo este chamado e abrir novos horizontes à esperança.¹⁰⁹

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano ocorreu em Santo Domingo, em outubro de 1992 e deu origem ao documento *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*, que não será analisado neste trabalho. O próximo item, portanto, passará a ocupar-se da conferência de Aparecida.

3.3 Ações práticas da Conferência de Aparecida

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe foi iniciada no dia 13 de maio de 2007, aos pés da Santíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil. Contou com a presença, as bênçãos e o apoio do papa Bento XVI, confirmando assim o primado da fé em Deus e de sua verdade e amor, para o bem das pessoas e dos povos.¹¹⁰

O Documento de Aparecida está dividido em três partes, centradas na vida de Jesus Cristo, pois na evangelização é a vida de Jesus que deve penetrar e plenificar o vida do povo e sua cultura: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). Aparecida, em sua primeira parte, louva e agradece a Deus pelos dons recebidos, principalmente o dom da fé e a participação na missão, e estende também o seu olhar sobre a teologia pastoral. A segunda parte apresenta a vida de Jesus Cristo nos discípulos

¹⁰⁷ Ibid., nº 1293, p. 387.

¹⁰⁸ Puebla, Conclusões. Texto oficial: III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, n. 1159.1160, p. 330.

¹⁰⁹ Ibid., nº 1165, p. 312.

¹¹⁰ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, *Documento de Aparecida* (29 de Junho de 2007), p. 7.

missionários, vida que acontece na dimensão da existência cristã. Na terceira parte a Conferência trata da missão e da vida de Jesus Cristo que entra na vida do povo, para que este alcance a vida eterna.¹¹¹ O ponto sete do Documento de Aparecida aponta para a valorização da riqueza no povo:

As maiores riquezas de nossos povos são a fé no Deus amor e a tradição católica na vida e na cultura. Manifesta-se na fé madura de muitos batizados e na piedade popular que expressa “o amor a Cristo sofredor, o Deus da compaixão, do perdão e da reconciliação (...), o amor ao Senhor presente na Eucaristia (...), - Deus próximo dos pobres e dos que sofrem, - a profunda devoção à Santíssima Virgem de Guadalupe, de Aparecida ou dos diversos títulos nacionais e locais.”¹¹²

A Igreja tem a missão de evangelizar, ou seja, de anunciar a todos que Deus os ama. Ele é um pai que não ameaça os seus filhos, que está perto, para salvar e libertar, que acompanha na tribulação, que alenta a esperança em meio às provas, pois, o missionário sempre anuncia esta Boa Notícia para a humanidade. E toda a Igreja é enviada para cumprir essa missão, seguindo os passos de Jesus.¹¹³ (cf. Mt 9,35-36).

É a grande novidade que a Igreja anuncia ao mundo: Jesus Cristo é a vida para nos fazer “participantes da natureza divina” (2Pd 1,4). Ela quer que sejamos filhos amados e que, acreditando nele, tenhamos a vida para sempre, que é a vida eterna. Vida plena é felicidade, e Cristo é a fonte da vida. Assim, o discípulo nasce pelo Batismo, renasce pelo Sacramento da Reconciliação, fortalece sua vida na Crisma e alimenta a vida na Eucaristia.¹¹⁴

Deus tem um vínculo com o pobre que perpassa toda a Bíblia. Trata-se de uma *opção pelos pobres* que implica uma solidariedade e um empenho decisivos. Os pobres são os primeiros, no amor de Deus. A preferência não enfraquece a exigência da opção, mas trata-se de uma opção “não opcional”, isto é, um imperativo do Evangelho, como muitas vezes se acentuou. Ambos os termos, opção e preferência, são utilizados e aprofundados no Documento de Aparecida.¹¹⁵

¹¹¹ TOZOLINI, Tiziano. Dizer Deus hoje: novas categorias. In: *REB Revista Eclesiástica Brasileira*, nº 269, Janeiro de 2008. Petrópolis: Vozes, p. 33.

¹¹² CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: *texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas & CNBB, 2007, nº 7.

¹¹³ LOMBARDI, Massimo. O documento de Aparecida: para facilitar o estudo. In: *REB Revista Eclesiástica Brasileira*, nº 270 – abril de 2008. Petrópolis: Vozes, p. 421.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 430.

¹¹⁵ MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: 2014, p. 112.

A Igreja tem, certamente, como algo importante e urgente, que se construam estruturas mais humanas, mais justas, mais respeitadoras dos direitos da pessoa, menos opressivas e menos escravizadoras; mas ela continua consciente de que ainda as melhores estruturas, ou os sistemas melhor idealizados, depressa se tornam desumanos, se as tendências inumanas do coração do homem não se acharem purificadas, se não houver uma conversão do coração e do modo de encarar as coisas naqueles que vivem em tais estruturas ou que as comandam.¹¹⁶

A Conferência de Aparecida propõe uma grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus, para isto, chama atenção para o batismo recebido por todos os cristãos para seja discípulos missionário de Jesus.¹¹⁷ Animados pelos seus Pastores, os cristão são chamados, em todo o lugar e circunstancia, a ouvir o clamor dos pobres.¹¹⁸

O anúncio do Evangelho provém de um encontro. Do encontro com Jesus. Encontramos o Messias, o Cristo, diz André a seu irmão Simão Pedro, enquanto o leva a Jesus. (cf. Jo 1,41-42). Esse é um relato simples que nos diz em quê consiste a base da comunicação da Boa Nova. Recordar isso permite que o Documento exprima e que nos insira no próprio sentido da *opção pelos pobres*.¹¹⁹

A Igreja percebe que as pastorais vêm se esforçando na orientação do povo, para que tenha um verdadeiro encontro com Jesus Cristo vivo, que a pastoral, com a animação bíblica, leva o povo a estar mais próximo da Palavra de Deus. Tambe a formação dos catequistas e a renovação da catequese vem provocando bons resultados para todos os continentes, incluindo a América do Norte, Europa e Ásia, para onde muitos latino-americanos e caribenhos têm emigrado.¹²⁰

A opção preferencial pelos pobres nos impulsiona, como discípulos missionários de Jesus, a procurar caminhos novos e criativos a fim de responder a outros efeitos da pobreza. A situação precária e a violência familiar, com frequência, obrigam muitos meninos e meninas a procurarem

¹¹⁶ Cf. *Evangelii nuntiandi*, n. 36.

¹¹⁷ Cf. CELAM - CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: CNBB, 2007, n° 10.

¹¹⁸ Cf. *Evangelii Gaudium*, n. 191.

¹¹⁹ MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: p. 117-118.

¹²⁰ CELAM - CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: CNBB. , n° 99.

recursos econômicos na rua para sua sobrevivência pessoal e familiar, expondo-se também a graves riscos morais e humanos.¹²¹

Aparecida traz também a preocupação com a realidade de grande número de jovens, que, passam por difíceis situações:

As sequelas da pobreza, que limitam o crescimento harmônico de suas vidas e geram exclusão; a socialização, cuja transmissão de valores já não acontece primariamente nas instituições tradicionais, mas em novos ambientes não isentos de forte carga de alienação; e permeabilidade às formas novas de expressões culturais, produto de globalização, que afeta sua própria identidade pessoal e social.¹²²

O cristão é discípulo missionário de Jesus Cristo, por isso ele deve iluminar, com a luz do Evangelho, todos os âmbitos da vida social. A *opção preferencial pelos pobres* é sua raiz evangélica, e isso lhe exige atenção pastoral voltada aos contrutores da sociedade. Se ele percebe que muitas das estruturas atuais geram pobreza, em parte é devido à falta de fidelidade aos compromissos evangélicos, por parte de muitos cristãos com especiais responsabilidades políticas, econômicas e culturais.¹²³

Os discípulos missionários de Cristo promovem uma cultura do compartilhar em todos os níveis, em contraposição à cultura dominante de acumulação egoísta, assumindo com seriedade a virtude da pobreza como estilo de vida sóbrio, para ir ao encontro, e ajudar nas necessidades, dos irmãos que vivem na indigência.¹²⁴

O Documento de Aparecida ressalta, como também os outros documentos, que a opção pelos pobres e excluídos, a conversão pastoral faz ver que o serviço a eles é tão essencial à Igreja quanto a pregação da Palavra e a celebração dos sacramentos. Essa missão pode ser compreendida de dois modos: a solidariedade imediata e a luta com o compromisso em favor da justiça e da dignidade para com o povo de Deus.¹²⁵

As propostas pastorais dos bispos latino-americanos e do Caribe, em relação aos pobres desde a primeira década pós-conciliar, conduz a uma pergunta: como podemos pensar essas questões no contexto contemporâneo, marcado fortemente pelo poder do Mercado, do consumo, do ter, em detrimento dos princípios constantes nos Documentos acima

¹²¹ Cf. Ibid., n° 409.

¹²² Cf. Ibid., n° 444.

¹²³ Cf. Ibid., n° 501.

¹²⁴ Cf. Ibid., n° 540.

¹²⁵ TOZOLINI, Tiziano. Dizer Deus hoje: novas categorias. In: *REB Revista Eclesiástica Brasileira*, n° 269, Janeiro de 2008. Petrópolis: Vozes, p. 37.

mencionados? De que maneira é possível cultivar a pobreza no espírito, em um mundo que preza outros valores?

3.4 A dimensão da pobreza hoje: afinal nós somos pobres de quê?

Feito o percurso em torno dos conceitos de pobreza material e do pobre em espírito, vimos que a pobreza no espírito é uma questão de escolha e busca de Deus, pois não se trata somente de pobreza material, mas sim do fazer-se pobre e deixar-se guiar pelo Espírito Santo de Deus.

A “bem-aventurança” de Mateus 5,3 “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”, chama atenção para o fato de que ser pobre no espírito tem o mesmo significado de ser “puro de coração”, de alguém com o coração voltado para Deus, pois para ele não basta ter a pobreza externa, mas sim a pobreza interna, deixar-se enriquecer pelo Espírito de Deus.

Isso não quer dizer apenas que quem é materialmente pobre não seja pobre no espírito, quer dizer também que o pobre no espírito é aquele que, por ser movido pelo espírito de Deus, luta em favor daquele que nada tem para sobreviver. É aquele que luta por políticas públicas que ajudem a melhorar a vida dos pobres materialmente, para que lhes seja favorecida uma vida digna de filhos amados de Deus, com direito à moradia, à educação, à saúde, à segurança...

Mas, retomando os questionamentos que encerram o item anterior, podemos perguntar: será que no mundo de hoje, na sociedade em que vivemos, consumista e materialista, a pobreza no espírito é considerada um valor? Como nos manteremos firmes em nossa escolha, considerando que, na lógica do mundo atual, “ser é ter”? Como viver uma riqueza partilhada, onde o bem do outro é também o meu, a riqueza do outro é também a minha?

Em um artigo intitulado *Religião e consumo*, o teólogo dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como frei Beto, baseado em uma matéria divulgada pelo jornal *Financial Times*, de Londres, diz que “as marcas são a nova religião. As pessoas se voltam para elas em busca de sentido”. E as *grifes* “possuem paixão e dinamismo necessários para transformar o mundo e converter as pessoas em sua maneira de pensar”. Frei Beto prossegue, fazendo menção a uma pesquisa realizada pela *Fitch*, consultoria londrina de *design*, em que consta o caráter “divino” das marcas famosas; as pessoas preferem *o shopping*

à missa ou ao culto aos domingos, assegura a pesquisa. Outros dados da pesquisa são reveladores: em 1991, cerca de 12 mil pessoas celebraram núpcias nos parques da *DisneyWorld*, e estão virando moda os féretros da marca *Halley*, nos quais são enterrados os motoqueiros que foram “fissurados” em produtos *Halley-Davidson*.¹²⁶

Para frei Beto, não é preciso nenhum exercício de lógica para se perceber essa realidade hoje, pois o filósofo político alemão do século XIX, Karl Marx, já havia denunciado o *fetichismo* da mercadoria, ainda no começo da Revolução Industrial. Já nessa época, as pessoas passaram a desejar não só o necessário, pois possuíam poder aquisitivo para mais, por isso adoravam ostentar o supérfluo. O que acontece é que a publicidade veio ajudar o supérfluo a se impor como necessário na vida das pessoas.

Com isso, se percebe que a mercadoria é um vetor intermediário na relação entre seres humanos (pessoa-mercadoria-pessoa), ela passou a ocupar os polos (mercadoria-pessoa-mercadoria). Isto é, se eu chego até a casa de um amigo, de ônibus, meu valor é inferior ao daquele que chega em uma BMW. E isso vale também para a camisa que visto e o sapato que calço ou a joia que uso. Quer dizer, não é o ser humano que faz o produto ou objeto, é o objeto que faz a pessoa humana, é ele que imprime valor e aumenta a cotação no mercado das relações sociais. Isso faria Descartes, um filósofo neoliberal, declarar: “consumo, logo existo”, o que indica que fora do mercado não há salvação, o que, conforme frei Beto, é um alerta para os novos sacerdotes da idolatria consumista.

No mesmo artigo, frei Beto diz ainda que essa apropriação religiosa do mercado é evidente nos *shopping centers*, tão criticados por José Saramago em *A caverna*.

Quase todos possuem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas. São templos do deus mercado. Neles, não se entra com qualquer traje, mas sim com a roupa de missa de domingo. Percorrem-se claustros marmorizados ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. Ali dentro tudo evoca o paraíso: não há mendigos nem píquetes, pobreza ou miséria. Com olhar devoto, o consumidor contempla as capelas que ostentam, em ricos nichos, os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode pagar à vista se sente no céu; quem recorre ao

¹²⁶ Cf. CHRISTO Carlos Alberto Libânio de. *Religião do consumo*. 2001, disponível em: <http://www.cienciaefe.org.br/jornal/arquivo/betto/relig.htm>. Acesso em 15.01.2015.

crediário, no purgatório; quem não dispõe de recurso, no inferno. Na saída, entretanto, todos se irmanam na mesa “eucarística” do *McDonald`s*.¹²⁷

O autor diz ainda que a fé imprime sentido subjetivo à vida, objetivando-a na prática do amor, enquanto um produto cria apenas a ilusória sensação de que, graças a ele, temos mais valor aos olhos alheios. O consumismo é a doença da baixa autoestima. Um São Francisco de Assis ou Gandhi não necessitavam de nenhum artifício para centrar-se em si e descentrar-se nos outros e em Deus.

O papa Francisco na documento *Evangelii gaudium*, aponta os progressos conseguidos pela humanidade, no que ele qualifica de viragem histórica. Se, por um lado, o Santo Padre considera louváveis os avanços em vários campos da vida humana (saúde, educação, comunicação), por outro, ele alerta para o fato de que a maior parte da população mundial vive ainda em situações precárias, onde a falta de respeito, a desigualdade social e a violência figuram como realidade para muitos. É preciso, segundo o Papa, lutar contra isso de maneira decidida, com empenho na construção do Reino de Deus. A escolha por uma vida justa e igualitária passa, necessariamente, pela consideração de que os valores de Cristo devem ser a bússola a nos guiar nesse mundo ambivalente. Ainda segundo o papa:

Neste contexto, alguns defendem ainda as teorias da “recaída favorável” que pressupõe que todo crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue produzir maior equidade e inclusão social no mundo. Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos, exprime uma confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante. Entretanto, os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença.¹²⁸

Ao contrário do que diz o Papa, infelizmente o “deus mercado” opta pela supremacia dos bens materiais e pela exploração das reservas naturais, relegando o homem a segundo plano. Frei Beto considera que o pecado original dessa nova “religião”, a religião do mercado e do consumo, é o seguinte: ao contrário das tradicionais, ela não é altruísta mas sim egoísta; não favorece a solidariedade, e sim a competitividade; não faz da vida um dom, mas uma posse. E ainda, pior: acena com o paraíso na Terra e manda o consumidor para a eternidade, completamente desprovido deste lado da vida.

¹²⁷ Cf. Ib. Ibid.

¹²⁸ Cf. *Evangelii gaudium*, nº 54, 2014.

A pobreza no espírito, pelo contrário, conduz ao encontro com Deus na pessoa do irmão e da irmã, especialmente do mais pobre e do mais necessitado, como o fez Jesus, fazendo com que assim o seu Reino aconteça já na história, para ser pleno na eternidade. Quem orienta esse pobre no serviço do Reino é o Espírito Santo de Deus, por isso ele sempre pensa no bem do outro.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, podemos depreender o desafio de viver na prática a pobreza no espírito, pois a bem-aventurança de Mateus é muito clara: “felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (5,3). Os cristãos do Primeiro século, bem como os de todos os tempos, são chamados a viver essa bem-aventurança no dia a dia, num crescente confronto com a Palavra de Deus, e no seguimento de Jesus em relação á opção pelos pobres, na construção do Reino. Assim compreenderam e ensinaram os santos, em especial, São Francisco de Assis, quem, por excelência, viveu a pobreza evangélica no espírito das bem-aventuranças.

Como se constata no decorrer da pesquisa, Deus não quer que ninguém viva na miséria; não é Dele que provém toda forma de injustiça e opressão, conforme mostram os relatos bíblicos e as fontes teóricas. Ele nunca abandonou nem abandona o seu povo, pois sempre escolheu e enviou pessoas para que o libertasse de qualquer tipo de escravidão ou injustiça.

Por isso é que se pode afirmar que o Reino de Deus vai sendo construído na medida em que se passa da injustiça e da opressão aos pobres, para a justiça, a solidariedade, a inclusão e o amor à vida, ou seja, onde agem aqueles que, sendo pobres no espírito e movidos pelo Espírito de Deus, buscam o bem comum. Ali, Deus está.

Hoje é fácil perceber que há uma inversão de valores, que se dá valor maior para os objetos de consumo do que para as pessoas; esse não é o espírito pelo qual o cristão deve se deixar mover. Como foi explicitado nos três capítulos deste trabalho, o pobre no espírito, é movido na direção do outro, para valorizá-lo, para testemunhar um valor que não se compra mais sim, se vive. Ele vê o outro como o seu semelhante, o seu irmão, por isso, não só, é solidário, como é também, capaz de entregar a vida por ele, a exemplo de Jesus.

É nesse espírito que os documentos do episcopado latino-americano e do Caribe, analisados neste trabalho, orientam as comunidades cristãs e todos os batizados, para a prática transformadora em meio a uma sociedade, até hoje, marcada pela opressão e a pobreza, uma prática que começa nos profetas e se plenifica em Jesus.

Os profetas foram pessoas que lutaram para que o povo de Israel fosse fiel à aliança com Deus, por meio da justiça e do direito do pobre, personificados na viúva, no órfão, no estrangeiro. Os relatos bíblicos são elucidativos: para Amós, por exemplo, quando o ser humano é oprimido, o santo nome do Senhor é profanado, pois a Lei de Deus exige que seja dada proteção e auxílio para todos aqueles e aquelas que correm riscos de serem manipulados como um simples objetos ou coisa.

No atual contexto da Igreja e sociedade, a mensagem dos profetas continua ressoando, embora em meio a tantos ouvidos surdos e olhos cegos. A Palavra de Deus é palavra inspirada e inspiradora, é preciso que as vozes dos profetas continuem a anunciá-la ao nosso mundo, onde há um crescimento grande de injustiças, pois como nos diz São João: “Nisto são reconhecíveis os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão”.¹²⁹

A Igreja é chamada a não sucumbir ao espírito do ter, mas sim a ser presença de vida e não de morte. Em Jesus Cristo ela tem o modelo para chegar ao Pai, a realizar a presença do Reino aqui na terra. Esse é o caminho: seguir os passos de Jesus de Nazaré, que, mesmo sendo Deus, se fez um de nós, ser humano, para dizer o quanto Deus nos ama, pois Ele é o Caminho, a Verdade e a vida. Assim, sendo pobre no espírito o cristão se torna rico a partir da riqueza de Cristo, movidos pelo seu Espírito e pode testemunhar a todos que o pobre é amado por Deus.

¹²⁹ Cf. 1Jo 3,10.

BIBLIOGRAFIA

Documentos do Magistério da Igreja

BENTO XVI. *Deus caritas est: Carta encíclica sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CELAM - CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *II Conferencia Geral do Episcopado Latino-Americano: Conclusões de Medellín*. 2ª edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

_____. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões da conferência de Puebla* – Texto oficial. 6ª edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

_____. *III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 11ª edição. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina* – Texto oficial da CNBB. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança*. Vol. 2 (*De Sucre à crise relativa do neofascismo – 1973-1977*). São Paulo: Loyola, 1982.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2014.

LOMBARDI, Massimo. *O documento de Aparecida: para facilitar o estudo*. In. *REB Revista*

MARINS, José. *Puebla e as Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo, *et. al.* *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois: Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998.

SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do documento de Aparecida*. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2008.

VATICANO II. *Vaticano II: Mensagens, discursos e documentos*. Tradução Francisco Catão São Paulo, Paulinas, 1998.

Autores

ALMEIDA, Rogério. Pobre. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

ANCILLI, Ermanno; MAROTO, D. Pablo de. Pobreza. ANCILLI, Ermanno; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. *Dicionário de espiritualidade*, vol. III. Tradução Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2012.

ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto S. *A justiça dos pobres: Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

ANNE, Lene Fenger. Pobre. In: EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

ASURMENDI, Jesus. *O profetismo das origens à época moderna*. São Paulo: Paulinas, 1988.

BAUER, Johannes B.; MARBÖCK, Johannes; WOSCHITZ, Karl M. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.

BENETTI, Santos. *Salmos: verso e reverso*. São Paulo: Paulinas, 1977.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2008.

BOGAERT, Pierre-Maurice; DELCOR, Matthias; JACOB, Edmond. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Tradução Ary E. Pintarelli e Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola, Paulinas, Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2013.

BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

BROWN, Colin. Pobre. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Shown. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CABRA, P. Pobreza. In: BORRIELLO, L.; CARUANA E.; DEL GENIO, M. R.; SUFFI, N. *Dicionário de mística*. Tradução Luis Miguel Duarte e Honório Dalbosco. São Paulo, Loyola e Paulus, 2003.

CANTALAMESSA, Raniero. *A pobreza*. São Paulo: Loyola, 1997.

CATECISMO DA IGREJA CATOLICA. *Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim*. 9ª edição. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas; Paulus; Ave Maria; Petrópolis: Vozes. 1998.

CHRISTO Carlos Alberto Libânio de. *Religião do consumo*. 2001, disponível em: <http://www.cienciaefe.org.br/jornal/arquivo/betto/relig.htm>. Acesso em 15.01.2015

D'AGOSTINO, Francesco. O segredo de Deus: a perfeita alegria. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P, *et. al.* *Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995.

DUPONT, Jacques. *Jesus, Messias dos pobres, Messias pobre*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança*. Vol. 2 (*De Sucre à crise relativa do neofascismo – 1973-1977*). São Paulo: Loyola, 1982.

FABRIS, Rinaldo. *A opção pelos pobres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Francisco Albertin. *As bem-aventuranças de Jesus*. Aparecida: Editora Santuário, 1999.
- GRENZER, Matthias. *O Projeto do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GRENZER, Matthias; FERNANDES, Leonardo Agostini. *Dança ó Terra: interpretando salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GRÜN, Anselm. *Morar na casa do Amor*. São Paulo: Loyola, 2006.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Onde dormirão os pobres? In: MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- HAWTHORNE, Gerard F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Tradução Barbara Theoto Lamberth. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola. 2008.
- LAROUSSE CULTURAL. *Grande dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- LOMBARDI, Massimo. O documento de Aparecida: para facilitar o estudo. In. *REB Revista Eclesiástica Brasileira*, nº 270 – abril de 2008. Petrópolis: Vozes.
- MANNATI, Marina. *Para rezar com os salmos*. São Paulo: Edições Paulinas. 1975.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução Honório Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- MESTRES, Carlos. *Com Jesus na contramão*. 9ª edição. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MOLARI, Carlo. O segredo de Deus: a perfeita alegria. In: BALDUCCI, E; BOVATI, P, *et. al. Linguagem profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MONLOUBOU, L.; BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. Tradução Gentil Titton. Aparecida: Editora Santuário; Petrópolis: Vozes. 1997.
- MONTAGNINI, F. *Isaiás 1-39 o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: 2014.
- OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminho para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- PIXLEI, George V. *Êxodo: Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- PIXLEI, George; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes. 1987.
- RIBEIRO, Francisco Souza. *Justiça: entrevista com o profeta Amós*. São Paulo: Paulinas, 1996.

- SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- SILVA, Aldina da. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SOBRINO, John. Opção pelos pobres. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- SOCIEDADE DE SÃO PAULO. *Catequese Paulina*. Tradução Sergio J. Schiratto. São Paulo: Paulus. 2011.
- STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.
- TAMAYO, Juan José (dir.). *Novo dicionário de teologia*. Tradução Celso Marcio Teixeira. São Paulo: Paulus. 2009.
- TOZOLINI, Tiziano. Dizer Deus hoje: novas categorias. In: REB Revista Eclesiástica Brasileira, nº 269, Janeiro de 2008. Petrópolis: Vozes, p. 33.
- VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas: do Êxodo ao Deuteronômio*. São Paulo: Paulinas, 1998.